

#cm
2
FIM DE SEMANA



O HOMEM DE SEIS BILHÕES DE DÓLARES

Indicado ao **Globo de Ouro** e cotado para o **Oscar** com o thriller 'Uma Batalha Após A Outra', **Leonardo DiCaprio** destrona concorrentes somando **15 blockbusters** no currículo nos **últimos 25 anos**. Página 2



David Jon/Divulgação

Leonardo DiCaprio
em imagem
promocional de
'Uma Batalha Após a
Outra', que pode lhe
render importantes
premiações

DiCaprio pode estar no caminho de mais um Oscar

Astro fala ao Correio sobre 'Uma Batalha Após a Outra', um thriller nas raias da comédia e com nove indicações ao Globo de Ouro

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Preparado para abrir 2026 sob a direção do mestre Martin Scorsese, nos sets do thriller "What Happens At Night", ao lado de Jennifer Lawrence e de Mads Mikkelsen, Leonardo Wilhelm DiCaprio emplacou 15 blockbusters (termo para longas que ultrapassam US\$ 100 milhões de faturamento)

nos últimos 25 anos. Esse cálculo, divulgado pelo site "The Numbers", no fim de dezembro, deixou de fora "Romeo+Juliet" (1996) - com seus US\$ 147,5 milhões de receita - e o fenômeno "Titanic" (1997), com seus US\$ 2,2 bilhões de arrecadação.

A conta ficou no século 21, a partir de "A Praia" (2000), e chegou até "Uma Batalha Após A Outra" (já disponível para aluguel em streamings, como a Amazon Prime Video), que pode dar a ele o Globo de Ouro no próximo dia 11. De acordo com esse portal hollywoodiano de estatísticas, o montante de dólares que o ator de 51 anos acumulou nos 23 filmes que protagonizou chega a US\$ 6 bilhões. Os únicos títulos dele bolados para o circuito exibidor que não faturaram no mínimo US\$ 100 milhões são "Foi Apenas Um Sonho" (2008), de Sam Mendes, e "J. Edgar" (2011), de Clint Eastwood, que valem pelos elogios que conquistaram. Exceção extra da lista: "Não Olhe Para Cima" (2021), que nasceu para ser Netflix.

Cada acerto de DiCaprio, feito sob a batuta de artesões autorais do quilate de Steven Spielberg, Quentin Tarantino, Alejandro González Iñárritu, Christopher Nolan, Baz



Warner Bros.

Luhmann e sobretudo Scorsese (que já o dirigiu seis vezes), assegurou descobertas estéticas, um Oscar (por "O Regresso") e parcerias, palavra que o astro usa ao se referir ao trabalho mais recente, dirigido por Paul Thomas Anderson. Eleito um dos 10 Melhores Filmes de 2025 pelo júri da revista "Cahiers du Cinéma", a Bíblia da cultura audiovisual, "Uma Batalha Após A Outra" faturou US\$ 205 milhões e 136 prêmios, além de estar no páreo

de nove Globos de Ouro.

É encarado como favorito nas categorias Melhor Direção e Melhor Filme de Comédia/Musical (embora seja um thriller regado de ação, em meio a sua ironia). "Paul é leal à sua equipe e tem a habilidade de extrair o melhor de cada um, pois luta por aquilo em que acredita, a começar por seus atores", disse DiCaprio ao Correio da Manhã, numa entrevista via Zoom, ao lado de Benicio Del Toro, organizada

pela Golden Globe Foundation. "É a partir de um revolucionário numa espiral de sacrifício, vivido por mim, que ele discute sua ideia de lealdade. Fizemos algo que lembra clássicos do cinema político como 'The Parallax View' (no Brasil, 'A Trama', de Alan J. Pakula). Temos dramas políticos tratados com humor".

No longa, DiCaprio vive o especialista em explosivos Pat, mais tarde apelidado de Bob, que vive um caso de amor com Perfidia Beverly Hills, "A" personagem do ano. Sua intérprete, Teyana Taylor, só precisa de um punhado de minutos em cena para se fazer onipresente, como vetor de empuxo na vida de homens que a amaram (ou a desejaram) capaz de expor racismos institucionalizados pelo país que elegeu Donald Trump, sem vergonha da xenofobia que ele encampa em sua política de extrema direita. Ela deixou uma filha, hoje adolescente (Chase Infiniti), pela qual Pat zela com todo amor. O problema maior dele, agora que a menina está nos 16 anos, é o militar Steven J. Lockjaw, um oficial imparável em seu predatismo contra grupos rebeldes, vivido por um assombroso Sean Penn. Lockjaw teve um trelelê com Perfidia lá atrás e não se desgarrou da lembrança dela.

"Paul passou quase 20 anos com esse projeto. Esse roteiro deve ter uns 15 anos. Fora o que ele criou, no processo de filmagem, todos participávamos, pois ele trabalha num esquema em que nos sentimos num time", explicou DiCaprio.

Numa corrida para proteger sua filha, traduzida em tomadas de perseguição vertiginosas em estradas, o figuraça borracho encarnado por DiCaprio reinventa o conceito do looser numa sociedade pautada pelo lucro, assegurando ao realizador de cults como "Magnólia" (Urso de Ouro de 2000), "Sangue Negro" (2007) e "Licorice Pizza" (2021) mais uma obra-prima.

"O Dude (personagem de Jeff Bridges) de 'O Grande Lebowski' foi uma inspiração, assim como o clima de 'Um Dia De Cão', no esforço de mostra relação que um homem desconectado com o mundo tem com a filha", disse DiCaprio, numa coletiva híbrida (meio Zoom, meio presencial) organizada em setembro, antes do lançamento de "Uma Batalha Após A Outra", que reforçou o lugar de Paul Thomas Anderson (apelidado nos EUA de PTA) como divo da autoralidade. "A humanidade que Paul traz para Pat vem de suas escolhas inusitadas, em viradas dramáticas. O heroísmo que existe nele está em sua habilidade de reivindicar a paternidade e usar seu passado de revoluções para salvar a filha".

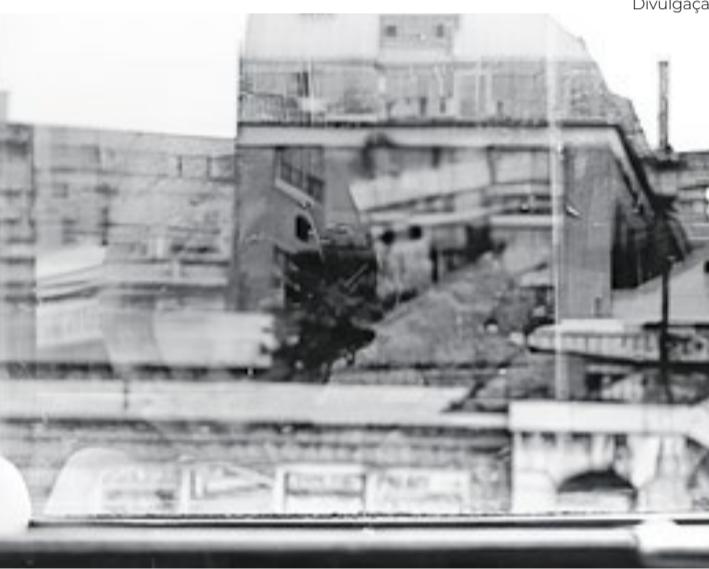
Paralelamente, a seu desempenho diante das câmeras, DiCaprio tem ainda um histórico como produtor em que se devota a projetos de natureza ecológica, com documentários de prestígio como "A Última Hora" (2007) e o ainda inédito "Yanuní", sobre a líder indígena Juma Xipaia, que pode ir ao Oscar.

Agnès Varda em revista

Círculo Estação passa em revista os curtas e longas da realizadora mais icônica do feminismo



Agnès Varda saiu de cena há seis anos, após uma batalha contra um câncer no seio. Morreu um mês depois de lançar 'Varda por Agnès' (2019), que pode ser visto no Estação Botafogo no dia 13



'Cléo das 5 às 7' (1962) abre a retrospectiva no dia 7

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Desde que o ensaio documental "Varda por Agnès" (2019) chegou às telas do Rio de Janeiro, na esteira de sua estreia mundial (ocorrida na Alemanha, numa sessão de gala da Berlinale), um boneco de sua diretora mora nas salas do Grupo Estação. Vez por outra, no complexo de Botafogo, o diretor e produtor Cavi Borges, agitador cultural de prontidão no espaço, posa para fotos agarrado àquela figura, símbolo do feminismo no audiovisual.

A partir da semana que vem, o legado da belga Agnès Varda (1928-2019) ficará entranhado nos cinemas da Voluntários da Pátria nº 88 e do Shopping da Gávea, que vão hospedar uma retrospectiva de seus sucessos. "De Lá Pra Cá – Uma Mostra Da Varda" mobilizará a cidade de 7 a 21 de janeiro. Tudo começa com a projeção de "Cléo das 5 às 7" (1962), às 20h30, no Est. Botafogo.

Na Europa, berço da artista, o livro "Viva Varda!" mobiliza livrarias e revistarias. Esse tijolo de 224 páginas, editado por Florence Tissot e publicado pela Martinier BL, acompanha a primeira exposição retrospectiva da realizadora de "La Pointe Courte" (1955), organizada pela Cinemateca Francesa. O volume reúne ensaios de especialistas e uma filmografia comentada.

O prefácio é de Costa-Gavras. O miolo é ilustrado com mais de 300 documentos (arquivos, fotogramas de filmes, fotografias), muitos deles inéditos, extraídos dos arquivos pessoais de Agnès, mantidos pela Ciné-Tamaris, a empresa familiar que ela fundou. A administração da produtora é feita por sua filha, a figurinista Rosalie Varda, e o filho, o ator e também diretor Mathieu Demy, fruto de sua união com o divo francês dos musicais Jacques Demy (1931-1990).

"Minha mãe passou os últimos 15 anos dedicada às artes visuais, explorando um formato de instalação em vídeo. Pouca gente conhece a fundo o que ela fez nesse período. Assim como poucos jovens de hoje conhecem os filmes que Demy rodou. O legado deles precisa seguir adiante e ser prestigiado pelas novas gerações", disse Rosalie ao Correio da Manhã em recente entrevista em Paris.

Recentes revisões históricas sugerem que "La Pointe Courte", um drama amoroso, seja o pavimento inicial da Nouvelle Vague, o movimento responsável por modernizar (não só tecnicamente como também na reflexão filosófica) a criação do discurso audiovisual, no fim dos anos 1950. Esse nome ("nova onda") batizou o filme mais recente de Richard Linklater, hoje em cartaz, que tem a jovem Varda numa sequência. O prestígio dela só cresce.

Na trama de "La Pointe Courte", a ser exibido no Estação Botafogo no dia 9, às 18h55, um casal em crise retorna para o pequeno vilarejo do título, no qual Lui, o marido (vivido por Philippe Noiret), viveu sua infância. Regressar ao berço pode ser um meio de reaver o carinho de sua parceira, Elle (Silvia Monfort). No local, os dois vivem momentos de reflexão sobre seu

“Minha mãe passou os últimos 15 anos dedicada às artes visuais, explorando um formato de instalação em vídeo. Pouca gente conhece a fundo o que ela fez nesse período”

ROSLIE VARDÀ



'La Pointe Courte' é encarado hoje como o pavimento da Nouvelle Vague, lançado em 1955

relacionamento, ao mesmo tempo em que o cotidiano dos moradores flui ao seu redor. É uma cartografia de vivências feita sob uma ótica que o cinema desconhecia até então. Ali, o vulcão Varda entrou em erupção, gerando joias como "O Amor dos Leões" (1969).

Neste momento em que a falta de equidade salarial entre gêneros, oriunda do sexism, torna-se uma das pautas centrais do cinema, dentro e fora das telas, Agnès segue eterna, como um farol para iluminar

novas estratégias de afirmação das potências femininas. Cada parágrafo de "Viva Varda!" revolve tal discussão.

Varda saiu de cena há seis anos, após uma batalha contra um câncer no seio. Morreu um mês depois de lançar "Varda por Agnès" (2019) numa cerimônia onde conquistou o troféu honorário Berlinale Camera pelo conjunto de sua obra. Esse canto de cisne dela pode ser visto no Estação Botafogo no dia 13, às 16h30.

"Parecia uma maluquice uma garota que nem tinha visto tantos filmes assim se propor a abrir um debate estético numa França onde as vozes masculinas eram preponderantes nos sets, só que eu tinha a ingenuidade e a bravura para fazê-lo", disse Agnès na Berlinale, num discurso reproduzido em "Viva Varda!", que pode ser encomendado via Amazon.

A artista visual morreu aos 90 anos, lutando de modo sereno contra seu tumor, sem abrir mão do trabalho. Pioneira da modernização política e narrativa da produção cinematográfica, a diretora de "As duas Faces da Felicidade" (Prêmio Especial do Júri no Festival de Berlim de 1965) e "Os Renegados" (Leão de Ouro em Veneza, em 1985) nasceu Arlette Varda, mas mudou legalmente seu nome aos 18 anos. Ela tinha em seu currículo um Oscar honorário e uma Palma de Ouro de Honra ao Mérito. Ganhou notoriedade numa época revolucionária à qual fez jus.

CORREIO CULTURAL



Justin Bieber durante apresentação no Rock in Rio

Justin Bieber ataca a indústria musical

Justin Bieber utilizou as redes sociais para desabafar e refletir sobre sua trajetória. Em uma série de publicações acompanhadas de passagens bíblicas, declarou não se enxergar mais como uma vítima.

"Não sou um produto. Sou um filho". Bieber relatou ter passado anos moldado por expectativas externas e por um sistema que o tratava como mercadoria. Segun-

do ele, o processo de cura permitiu uma mudança de perspectiva e a capacidade de perdoar.

O artista canadense também afirmou não pretender destruir a indústria, mas vê-la "refeita – mais segura, honesta e humana". Recentemente, Justin tem usado as redes para abordar saúde mental, autenticidade e fé, admitindo problemas de raiva e sentimentos de inadequação.

Concerto para Gal

A TV Brasil exibe sábado (3), a 0h, o especial inédito "Gal 80", com a Orquestra Sinfônica da Bahia, sob regência do maestro Carlos Prazeres. O concerto homenageia Gal Costa, falecida em 2022 aos 77 anos, e foi gravado em setembro de 2025 no Teatro Castro Alves, em Salvador. O repertório inclui clássicos como "Baby", "Barato Total", "Divino Maravilhoso" e "Folhetim". Entre os convidados estão a atriz Sophie Charlotte, que interpretou a cantora no filme "Meu Nome é Gal" (2023), além de Emanuelle Araújo, Lazzo Matumbi e Simoninha.

Composer ativo

Elton John revelou que recebeu sete letras de Bernie Taupin e que pretende entrar em estúdio para trabalhar nas composições. A informação foi dada em entrevista à revista Variety, na qual o músico destacou que, embora tenha se aposentado das turnês, segue ativo na criação musical.

Composer ativo II

As novas letras já estão separadas para as próximas sessões de gravação com o produtor Andrew Watt. O astro disse que, depois de décadas de parceria, ainda se surpreende com o processo criativo ao lado de Taupin. Para Elton, a música continua sendo parte essencial de sua vida.

Na essência de Clarice

Beth Goulart inicia 2026 com nova temporada de "Simplesmente Eu, Clarice Lispector" no Teatro Fashion Mall. A reestreia será em 9 de janeiro, data em que seu pai, Paulo Goulart, faria 93 anos. O espetáculo, que ela dirige e protagoniza, realizou cerca de 100 apresentações em 2025 e já alcançou 1,3 milhão de pessoas em 294 cidades desde 2009.



Fabian/Divulgação



Além do talento, Lázaro Ramos e Taís Araújo usam sua visibilidade para ampliar e qualificar o debate sobre questões raciais no Brasil

Lázaro Ramos e Taís Araújo receberão homenagem inédita em Paris

Festival de Cinema Brasileiro da capital francesa celebra pela primeira vez um casal, reconhecendo trajetórias que somam mais de 50 anos de contribuições ao audiovisual nacional

AFFONSO NUNES

A28ª edição do Festival de Cinema Brasileiro de Paris elegeu Lázaro Ramos e Taís Araújo como seus grandes homenageados, marcando a primeira vez que um casal recebe o reconhecimento máximo do evento. A escolha reflete a solidez das carreiras individuais dos dois artistas e o impacto deste casal como referências do audiovisual brasileiro. A mostra acontece entre 7 e 14 de abril de 2026, no cinema L'Arlequin, tradicional sala localizada no bairro de Saint-Germain-des-Prés, coração cultural da capital francesa.

Juntos desde 2004 e pais de dois filhos, Lázaro e Taís consolidaram-se como uma das duplas mais admiradas do país seja por suas acertadas escolhas artísticas seja pela forma como utilizam sua visibilidade para ampliar debates sobre representatividade e diversidade. Taís, que em 2025 completou três décadas de carreira, acumula mais de 30 produções televisivas e dez filmes no cinema. Lázaro, com 27 anos



"Tudo o que Aprendemos Juntos", de Sérgio Machado, pela trajetória de Lázaro, além de "Pixinguinha – Um Homem Carinhoso", de Denise Saraceni e Allan Fiterman, e "Garrincha – Estrela Solitária", de Milton Alencar, representando o trabalho de Taís.

"A escolha de homenagear Lázaro Ramos e Taís Araújo é porque eles representam, de forma rara e complementar, a força, a inteligência e a diversidade do cinema e da cultura brasileira contemporânea", afirma a curadora. Segundo ela, ambos construíram ao longo de suas trajetórias personagens marcantes, ampliaram espaços de representação e usaram a visibilidade para dialogar com a sociedade, dentro e fora das telas. "Como artistas e como cidadãos, Lázaro e Taís ajudam a contar um Brasil plural, complexo e em constante transformação — um Brasil que queremos celebrar, refletir e compartilhar com o público", completa Katia.

O Festival de Cinema Brasileiro de Paris se consolidou como a principal vitrine da produção audiovisual brasileira na Europa, reunindo anualmente mais de 5 mil espectadores na capital francesa. Realizado pela Jangada, o evento exibe uma seleção das melhores produções do cinema nacional, entre ficções e documentários, além de promover workshops e debates com a presença dos criadores. A programação completa da 28ª edição será anunciada em breve.



Luta de Classes



Atlas

Fervura máxima nas plataformas

Gêneros variados e grifes autorais das mais ousadas se espalham pelos streamings numa seleção de pepitas que o Correio da Manhã garimpa atrás de diversidade no veio digital

RODRIGO FONSECA

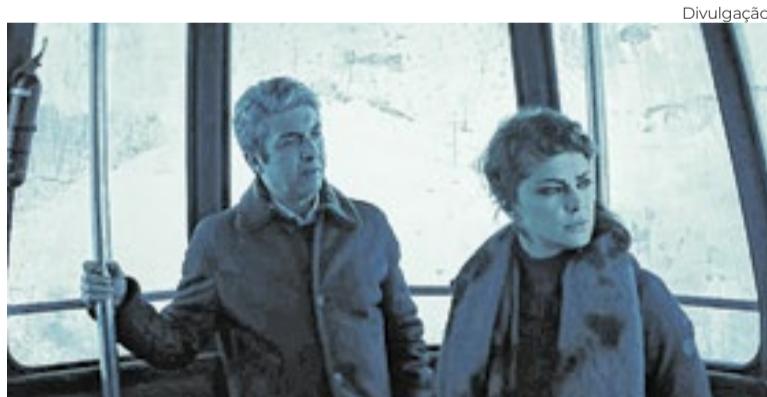
Especial para o Correio da Manhã

Oque não falta é coisa boa para ver em tela grande neste início de ano, tipo “Se Eu Tivesse Pernas, Eu Te Chutaria”, que rendeu a Rose Byrne o Prêmio de Interpretação na Berlinale, e “Jovens Mães”, que assegurou aos Irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne a láurea de Roteiro no Festival de Cannes. Tem Selton Mello em “Anaconda”; tem a animação “Tainá e Os Guardiões da Amazônia”; e tem Wagner Moura em “O Agente Secreto”, que pode dar a ele o Globo de Ouro. Paralelamente a essa oferta farta, os streamings estão apinhados de atrações. Cheque a seguir o que curtir nas plataformas.

LUTA DE CLASSES (“Highest 2 Lowest”), de Spike Lee (EUA): Fiel ao título de seu longa de abre-alas (“Faça a Coisa Certa”), o pilar maior das lutas antirracistas no cinema lançou em Cannes este remake de “Céu e Inferno” (1963), de Akira Kurosawa (1910-1998). Num colosso de atuação, Denzel Washington vive o produtor musical David King que sofre uma chantagem milionária e vira Nova York do avesso para proteger o que é seu, tentando reaver o filho de seu melhor amigo (papel de Jeffrey Wright). Plataforma: Apple TV



Luta de Classes



Luta de Classes

CORPO CELESTE, de Alice Rohrwacher (Itália): Longa de estreia da realizadora de “A Quimera” (2023) e “As Maravilhas” (2014). Neste achado do Festival de Cannes, Marta, adolescente de 13 anos vivida por Yile Yara Vianello, mudou-se recentemente para o sul da Itália com sua mãe e irmã mais velha e luta para encontrar seu lugar, testando incessantemente os limites

de uma cidade desconhecida e o cathecismo da Igreja Católica. Plataforma: MUBI

TOCA (“Burrow”, 2020), de Madeline Sharafian (EUA): Uma delícia de curta, indicado ao Oscar por sua precisão narrativa, que esbanja fofura em seu olhar sobre o mundo animal. Na trama, uma coelhinha cria um projeto de engenharia para



Corpo Celeste



Corpo Celeste

construir a toca de seus sonhos. Mas, cavando a esmo, acaba se metendo em mil confusões, em um roteiro hilário. Plataforma: Disney +

PERRENGUE FASHION

(2025), de Flávia Lacerda (Brasil): Ingrid Guimarães segue sendo a maior diversão. Aqui, ela diverte no papel de uma fashionista atra-palhada. Na campanha que pode mudar sua carreira como influencer de moda, Paula Pratta (papel de Ingrid) só precisa de um item fundamental: o filho. Mas ele troca a faculdade de business na Califórnia por um instituto de permacultura na Amazônia. Ela parte em busca do garoto e encontra um mundo sem filtros e muito mais do que esperava. Plataforma: HBO MAX

ATLAS (2024), de Brad Peyton:

Uma vibrante ficção científica sobre os riscos da robótica. Jennifer Lopez é uma analista de sistema misantrópica, com zero confiança em Inteligência Artificial, que é obrigada a repensar sua relação com a tecnologia para deter um sistema operacional renegado. No Brasil, Andrae Murucci dubla JLo. Plataforma: Netflix

PIEDEDE (2019), de Claudio Assis (Brasil): Uma cidadezinha litorânea do Nordeste sofre com o trator capitalista chamado Aurélio (Matheus Nachtergael), o representante de uma petroleira. Uma líder para aquela comunidade, Dona Carminha (Fernanda Montenegro) e seu filho mais velho, Omar (Iran-dhir Santos), representam resistência contra os interesses do empresário predador, que se envolve com um integrante desgarrado daquela família, Sandro (Cauã Reymond), dono de um cinema pornô. Plataforma: Globoplay

A CORDILHEIRA (“La Cordillera”, 2017), de Santiago Mitre (Argentina): Agraciada com o troféu Platino (o Oscar da latinidade) de Melhor Trilha Sonora (coroando a excelência melódica de Alberto Iglesias), este thriller - lançado na França com o título de “El Presidente” - aborda um conclave de líderes políticos das Américas, tendo intrigas de corrupção e pecados afetivos pessoais em seus bastidores.

Ricardo Darín é uma dessas lideranças. O Brasil está representado na figura do presidente Oliveira Prete, vivido com uma ironia saborosa pelo ator Leonardo Franco, da série

Espetáculo de Francis Mayer sobre o escritor Jean Genet retorna ao Rio após turnê nacional e se firma como cartografia dos 'malditos' da literatura

Depois de circular por seis cidades brasileiras e completar um ano desde a estreia, o espetáculo “Marginal Genet” retorna ao Teatro Cândido Mendes para nova temporada carioca. O diretor Francis Mayer dá continuidade ao seu projeto de levar ao palco figuras controversas da cultura mundial. Após o polêmico “Pasolini no Deserto da Alma”, Mayer agora se debruça sobre a vida do escritor francês Jean Genet, criando uma dramaturgia livremente inspirada nas obras “Diário de um Ladrão”, do próprio Genet, e “Saint Genet”, de Jean-Paul Sartre.

O texto explora o universo de um dos autores mais transgressores do século 20, cuja trajetória oscilou entre a marginalidade radical e o reconhecimento literário. Nascido em Paris em 1910 e abandonado pela mãe, Genet cresceu em orfanatos e famílias adotivas, sentindo-se desde cedo deslocado e rebelde. Sua adolescência foi marcada por prisões sucessivas por roubo, uma vida errante pelas ruas de Paris como mendigo e ladrão.



'Marginal Genet' é inspirada em livros de Genet e Jean-Paul Sartre

TRANSGRESSÃO

Essa experiência de marginalização tornou-se matéria-prima essencial para sua literatura. Em 1943, publicou seu primeiro romance, "Notre-Dame des Fleurs", que chamou atenção pelo estilo poético e pelas temáticas controversas, associando-se ao movimento surrealista e conquistando a admiração de intelectuais como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Albert Camus e Jean Cocteau. Foi justamente a intervenção deste último que salvou Genet de uma prisão perpétua que poderia levá-lo à morte.

No espetáculo, o público acompanha o relacionamento de Genet com quatro personagens

extraídos de “Diário de um Ladrão”: René, garoto de programa; Bernardini, comissário de polícia secreta; Lucien, morador de rua; e Charlotte Renaux, cantora. Thiago Brugger interpreta o protagonista, enquanto Fernando Braga, Vinícius Moisés, Yago Monteiro e Samuel Godois dão vida aos demais personagens. Com linguagem poética e visceral, a montagem propõe uma imersão no universo íntimo do escritor, revelando seus encontros e amores com seres que viviam à margem da sociedade, elevados por ele à categoria de heróis.

A obra de Genet é marcada

por uma imaginação febril e alegórica, que valoriza o prazer, a beleza e o humano. Em peças e romances como “As Criadas”, “Querelle”, “O Balcão”, “Alta Vigilância” e “Os Negros”, o autor recriou a mesma marginalidade que caracterizou sua existência. Seu estilo lírico e provocativo mistura beleza e decadência, abordando identidade, homossexualidade e liberdade, desafiando normas sociais e provocando reflexões profundas sobre a própria existência. Considerado um escritor de combate, Genet tornou-se figura seminal na literatura francesa, cuja influência se estende ao teatro e aos movimentos

contraculturais.

A conexão de Genet e sua obra com o Brasil tem início se deu em 1970, quando a atriz e produtora Ruth Escobar o convidou para a temporada de “O Balcão” no teatro que levava seu nome, em São Paulo. O escritor desembarcou no país em 26 de maio daquele ano, deixando

26 de maio daquele ano, deixando sua marca na cena cultural brasileira. Francis Mayer não é estreante no universo genetiano. Em 1989, produziu “Querelle” no Teatro Dulcina, lançando Gerson Brenner como ator e contando com Rogéria no elenco, além de música-tema composta especialmente por Cazuza. Em 1997, dirigiu “Alta Vigilância”

cia" no Teatro Cândido Mendes, com Carlos Machado, Jonathan Nogueira e Luka Ribeiro. O diretor acumula

em seu currículo montagens como “Detentos”, “Angela Maria - Lady Crooner”, “Cazuza - Jogado à Teus Pés”, “Os Meninos da Rua Paulo”, “As Meninas”, “Betty Blue” e “O Hóspede”, baseado no filme “Teorema” de Pasolini.

“Marginal Genet” coloca o espectador diante do submundo dos marginalizados, que revela momentos mais intensos de um personagem transgressor movido a lirismo e poesia.

SERVICO

SERVIÇO
MARGINAL GENET

MARGINAL GÊNE
Teatro Candido Mendes (Rua
Joana Angélica, 63 - Ipanema)
3 e 4/2, às 20h | De 10/1 a 7/2,
sábados (22h)
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)



Nelson Rodrigues desvela em seu texto uma incongruência absoluta, jorrando na cena traumas familiares, articulando no contraste o patético da hipocrisia humana

A modernidade que habita na dramaturgia de Nelson Rodrigues

O autor instaura situações inusitadas e constrangedoras, revelando ainda um humor patético, que começou a ser valorizado nas montagens teatrais

CLÁUDIO HANDREY

Especial para o Correio da Manhã

O cenário teatral carioca em 2025 foi coroado por uma dramaturgia punjante e, partindo dessa premissa, para iniciar os trabalhos de 2026, reverencio o maior dramaturgo do país: Nelson Rodrigues. O autor nordestino atravessou caminhos tortuosos, numa vida recheada de contradições e tragédias. Todos aqueles desatinos patológicos que encontramos nas personagens, verti-

calizando profundidade, habitaram na casa-grande de Pernambuco, em que outrora nosso mestre da escrita viveu. Das sinhazinhas e senhores escravocratas, os quais marcaram sua infância, acabou por introduzir no seu teatro: amores impossíveis, incesto, dores, desequilíbrios... em lares suburbanos.

Criado pelo o que chamamos de santa família brasileira, carregada de moral, de bons costumes e protocolos de religião, Nelson desvela em seu texto uma incongruência absoluta, jorrando na cena traumas familiares, articulando no contraste o patético da hipocrisia humana.

Mesmo diante de uma assinatura vigorosa e tomada de cenas grotescas, de frustrações irrestritas, o autor não se serve de palavrões, de obscenidades nos seus registros. “O dramaturgo encontra-se na galeria dos Sófocles, Shakespeare, Strindberg, Pirandello, dos O’Neill, nos quais nosso gênio brasileiro se influenciou notoriamente”, argumentou o crítico teatral Sábato Magaldi.

Considerado o mais importante dramaturgo do século XX, é respeitado pela crítica e pelo público através da pluralidade de sua obra, atravessado pela multiplicidade de suas ideias, além de pensamentos anárquicos. A relevância do teatrólogo é comprovada e baseada numa carreira exponencial, que contém 17 textos para teatro, 9 romances, 13 livros de crônicas, 5 livros com uma infinidade de contos, em que vários deles receberam adaptações de sucesso para o cinema e televisão. Eu mesmo me debrucei sobre a temática rodriguiana, dirigindo “Per-

doa-me Por Me Traíres”, no teatro Laura Alvim, em 2012, além de “A Vida Como Ela É”, no teatro Municipal Serrador, em 2016.

No último dia 28 de dezembro comemorou-se 72 anos de “Vestido de Noiva”, obra-prima do autor, que permanece sendo recriado em nossos palcos. A montagem do grupo Os Comediantes, no Theatro Municipal, com direção de Zbigniew Ziembinski, torna-se um marco histórico: a modernidade do teatro brasileiro. Há um movimento renovatório estético e profissional do fazer teatral. Com a chegada de diretores estrangeiros novas técnicas de encenação foram implementadas, valorizando inúmeros elementos cênicos como cenário, figurino, iluminação, e uma nova forma de olhar o texto revelou-se a totalidade do espetáculo. Tradições foram quebradas, onde práticas teatrais ultrapassadas adquiriram um tom revolucionário, imbuídos por uma nova identidade nas artes, a julgar

pelos ideais da Semana de Arte Moderna de 1922.

A segunda peça do teatrólogo, “Vestido de Noiva”, desestrutura padões, em linguagem inédita, esfandalando a linearidade textual, agregando um viés psicológico pujante pouco visto na nossa escrita cênica. O autor investiga o inconsciente da protagonista Alaíde, estabelecendo 3 planos no palco: Realidade, Memória e Alucinação – focando no caos, entre medos, delírios e loucura. Aborda desejo, subjetividade feminina, tritura a consciência, numa revolta contra a “pobreza” da existência, chafurdando em fantasias mórbidas, algo pouco comum no teatro da época.

Outra característica de sua modernidade é a complexidade dos papéis, sobretudo os femininos, afastando-se dos estereótipos do melodrama. Com tintas fortes, a inevitabilidade define a obra como tragédia vanguardista.

Nelson Rodrigues é um microscópista da alma humana, presenteando-nos com uma psicologia abismal o interior de Alaíde, repleta de nuances, registrando seus sofrimentos e sua mutilação, numa extrema originalidade.

O escritor instaura situações inusitadas e constrangedoras, revelando ainda um humor patético, que começou a ser valorizado na dramaturgia. Vale ressaltar que Ziembinski, ao lado do arquiteto modernista e cenógrafo Santa Rosa inovaram na cenografia, além do diretor adicionar um desenho de luz expressionista para demarcar os planos narrativos, fomentando atmosferas de tensão, transformando a figura do diretor em co-autor do espetáculo. “Vestido de Noiva” é um divisor de águas, em que o teatro pós-dramático continua inebriando-se.

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

HENRIQUE E JULIANO

*A dupla traz ao Rio show da turnê "Manifesto Musical" após esgotar três datas consecutivas do Allianz Parque, em São Paulo. Sáb (3), a partir das 16h30 (abertura dos portões). Estádio Mário Filho - Maracanã (Av. Maracanã, s/nº). A partir de R\$ 390

OS ORIGINAIS DA BOSSA

*Um passeio vibrante pela história viva da Bossa Nova e do Sambalanço com o grupo formado pela cantora Amanda Bravo, o baixista Jimmy SantaCruz, o baterista Wilson Meirelles e o violonista César Ferreira. Sex (2), às 21h30. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70

TAMARA SALLES

*A cantora apresenta "Ela Cantam Soul", um espetáculo que celebra a força, a história e a emoção das grandes vozes femininas da soul music. Sex (2), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 45

LOTUS COMBO

*O trio formado por Rodrigo Marsillac (piano), Domenico Botelho (contrabaixo) e Miguel Couto (bateria) apresentam peças do repertório clássico com arranjos jazzísticos. Dom (4), às 19h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

THIAGO GENTIL

*Acompanhado de banda, o cantor e compositor canta Tom Jobim, clássicos da Bossa Nova, afro-sambas e canções autorais. Sáb (3), às 20h30. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70

ALAFIÁ JAZZ CLUB

*O quarteto promete uma noite de jazz sem abrir mão daquele tempero brasileiro. Dom (4), às 20h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70

TEATRO

NÃO ME ENTREGO, NÃO!

*Sucesso de público e crítica, o premiado monólogo com atuação impecável de Othon Bastos do alto de seus 91 anos. Até 1/2, sex e sáb (18h) e dom (16h). Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marques São Vicente, 52, 3º andar). A partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)



Não Me Entrego, Não!



Tamara Salles

DEIXA CLAREAR

*Estrelado por Clara Santhana, o musical sobre Clara Nunes volta aos palcos cariocas. Sex (3), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). A partir de R\$ 60

TOC TOC

*Sucesso na França, a comédia propõe uma abordagem bem-humorada, mas respeitosa, sobre o Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC). Até 18/1, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Loja 265). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

EXPOSIÇÃO

UMA SEMÂNTICA DA DEVASTAÇÃO

*Mostra reúne 38 trabalhos do pintor e escultor polonês Frans Karjberg que, já nos anos 1970, denunciava os riscos ambientais do planeta e suas consequências para a vida de todas as espécies. O artista se notabilizou pelas obras com madeiras de árvores destruídas pela devastação ambiental nas florestas na Zona da Mata. Até 1/2, ter a sáb (10h às 20h), dom e fer (11h às 18h). Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38). Grátis



Dar Nome do Futuro

DAR NOME AO FUTURO

*Dani Cavalier e Nathalie Ventura trazem pontos de observação sobre formas de existir e permanecer no mundo. Até 1/3, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

VIVA MAURICIO!

*Um mergulho imersivo no universo criativo em torno da obra de Mauricio Sousa, criador da Turma da Mônica e de dezenas de outros personagens. Até 13/4, de qua a seg (9h às 20h). Centro Cultural Banco do Brasil RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

RETRATOS DO MEU SANGUE - SHIPIBO-KONIBO

*A exposição apresenta o trabalho do fotógrafo peruano David Díaz González, nascido na comunidade nativa de Nueva Saposo. Até 8/2, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

GEOMETRIA VISCERAL

*Panorama da produção de Gilberto Salvador que volta aos espaços expositivos cariocas. A mostra reúne cerca de 40 trabalhos. Até 1/3, ter a dom e fer (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV, 48). Grátis

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Deixa Clarear



Circo dos Dinossauros



Henrique e Juliano



Thiago Gentil



Retartos do Meu Sangue - Shipibo-konibo

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Davi Diaz

FLÁVIO CERQUEIRA - UM ESCULTOR DE SIGNIFICADOS

* O escultor paulista apresenta pela primeira vez no Rio uma individual com mais de 40 obras em bronze, incluindo três inéditas numa contemplação e reflexão sobre temas como identidade, raça, classe e afeto. Até 18/1, qua a seg (9h às 19h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

RIOS DE LIBERDADE

* Exposição celebra os 200 anos da independência do Uruguai reunindo 14 artistas da colagem uruguaios e brasileiros que utilizam imagens do acervo histórico do Centro de Fotografia de Montevideu como matéria-prima para registrar a memória visual de um país em transformação. Até 8/2, ter a dom (11h às 19h). Grátis

LICROPOEMA/POEMA LIVRO

* A mostra apresenta livros de artistas criados por Gabriela Irigoyen, que subvertem a estrutura tradicional do livro com experiências visuais, sensoriais e poéticas. Até 1/3, ter a dom 11h às 19h. CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

IRIDIUM

* A ceramista Débora Mazloum apresenta suas "cerâmicas paramagnéticas", criadas a partir de misturas de materiais como argila, metais ferrosos e magnética. Até 10/1, qua a sáb (12h às 17h). Abapirá (Rua do Mercado, 45 - Centro). Grátis

INFANTIL

MINIONS EM FÉRIAS

* Um grupo de amigos inseparáveis aproveita seus dias de folga na praia à beira-mar. Entre preparativos atrapalhados, brincadeiras,

jogos e aventuras inesperadas, os Minions vivem situações hilárias. Até 4/1, sex e sáb (16h). Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Loja 265). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

CIRCO DOS DINOSAURIOS

* O circo temático chega ao Rio misturando fantasia e tecnologia em um espetáculo que inclui Globo da Morte, trapezistas, palhaços e grande elenco de dinossauros animatrônicos hiper-realistas. Até 5/1, sex e seg (20h), sáb e dom (15h, 17h30 e 20h). Estacionamento do Via Parque Shopping (Av. Ayrton Senna 13.000 - Barra da Tijuca). A partir de 20h

INVENTAMUNDOS

* Inspirado nas bonecas de papel e nas histórias em quadrinhos infantojuvenis, o laboratório criado pela equipe de arte-educadores do CCBB Educativo desenvolve a criatividade do visitante e criar um personagem original com história, cenário e roupas customizadas. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

FORMAS DO MANGUE

* A atividade convida o público a investigar o universo dos manguezais por meio da criação de esculturas inspiradas nas formas dos mangues e de sua fauna e flora. Utilizando argila, plantas secas e gravetos, cada participante desenvolverá sua própria interpretação desse ecossistema. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

Mart'nália chega com tudo **com seu 'Tudão'**

Cantora abre verão 2026 com show que une clássicos do pagode dos anos 1990 e parcerias recentes em noite com abertura de Mari Jasca e piscinão gigante

AFFONSO NUNES

Entra ano, sai ano, e uma coisa não muda: o show de Mart'nália no Circo Voador. Já virou ritual de passagem de ano na Lapa. Pelo décimo sexto ano consecutivo, a cantora sobe ao palco da casa para abrir oficialmente o verão carioca, consolidando uma das tradições mais longevas da programação do espaço. Honrando a tradição, a artista apresenta o "Tudão da Mart'nália", show que resgata hits do samba e do pagode, costurando sucessos que marcaram os anos 1990 com parcerias gravadas recentemente pela cantora com nomes como Joanna, Feyjão e Thiago Martins. Mari Jasca abre a noite, que terá ainda sets do DJ Victor MSat e a estreia do Piscinão do Circo, instalação pensada para amenizar o calor de janeiro. Os portões abrem às 20h.

O conceito do "Tudão" traz bem a proposta de Mart'nália: criar pontes entre diferentes momentos da MPB com medleys que embaralam temporalidades. No palco, a cantora promete alternar hits como "Cabide" e "Cheia de Manias", "Pé do Meu Samba" e "Coração Radiante", "Lado B" e "Derê", num jogo de



espelhamentos que mexe com a memória afetiva do público.

"O que estou fazendo é uma memória de todo meu trabalho para sempre reverenciar os nossos compositores e artistas que nos pegam de surpresas. Pois são eles que nos ajudam a criar uma conexão maior com o público. Fazer essa releitura e juntar a cadência do meu samba a essas canções contribui muito para minha própria liberdade no cantar", explica a cantora. A declaração evidencia um procedimento artístico que vai além da simples execução de sucessos: trata-se de um trabalho de curadoria que reposiciona canções conhecidas dentro de uma narrativa maior, a da trajetória de Mart'nália como intérprete e como herdeira de uma linhagem do samba carioca.

Para levar esse "tudão" ao palco, a cantora vem acompanhada por sua banda robusta e afiada: Humberto Mirabelli (violão e vocal), Luiz Otávio (teclados e vocal), Alexandre Katatau (baixo), Gustavo Pereira (guitarra e vocal), Macaco Branco (percussão e vocal), Menino Brito (percussão) e Theo Zagrae (bateria).

Abrindo a noite, Mari Jasca representa uma das apostas mais interessantes da cena musical contemporânea. A cantora apresenta canções de seu álbum de estreia, "Disparada", trabalho que se destaca justamente pela capacidade de transitar entre gêneros aparentemente distantes. No disco, Mari Jasca circula entre pop, forró, milonga, bolero, flamenco, jazz e funk carioca, construindo uma sonoridade própria que remete à antropofagia do Tropicalismo.

Completando a programação, o DJ Victor MSat, integrante da equipe da festa "Relance", que tem movimentado a cena cultural de Fortaleza, assume as pick-ups para manter o clima de celebração entre as apresentações.

E como o show de Mart'nália na primeira semana de janeiro não é surpresa para ninguém, a novidade da noite é a estreia do Piscinão do Circo, instalação tentadora e refrescante que substitui os tradicionais chuveiros que o Circo espalhava por sua área externa como antídoto às noites escaldantes da estação mais quente do ano.

SERVIÇO

TUDÃO DA MART'NÁLIA

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)

3/1, a partir das 20h (abertura dos portões)

Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

“O que estou fazendo é uma memória de todo meu trabalho para sempre reverenciar os nossos compositores e artistas que nos pegam de surpresas (...) Fazer essa releitura e juntar a cadência do meu samba a essas canções contribui muito para minha própria liberdade no cantar”

MART'NÁLIA

Tradição e modernidade rimam com a Bossa Nova

Roberto Menescal, de 87 anos, e Theo Bial, de 27, apresentam no Blue Note Rio o show 'A Nossa Bossa'

AFFONSO NUNES

Um dos criadores da Bossa Nova, Roberto Menescal é uma das pernambucanas mais generosas da música brasileira. Há décadas, ele revela jovens artistas numa linhagem que teve início com ninguém menos que Nara Leão. O mais novo pupilo do mestre de 97 anos é Theo Bial, 70 anos mais moço. A dupla sobe ao palco do Blue Note Rio neste sábado (3), com sessões às 20h e 22h30, para apresentar o espetáculo "A Nossa Bossa Nova", que fez sua estreia durante turnê pelo Japão, onde realizaram oito shows no Blue Note Tokyo ao lado da cantora Lisa Ono, e de uma passagem por Juazeiro (BA), terra natal de João Gilberto, durante o Festival A Bossa. Esse encontro musical mostra que o mais conhecido estilo musical brasileiro está longe de ser datado e se renova constantemente. Nos versos e harmonias bossanovistas, tradição e modernidade sempre rimam.

Menescal conta que já vinha acompanhando com interesse a trajetória de Theo. A aproximação, no entanto, tornou-se parceira em julho de 2025, quando lançaram juntos o single "Brisa Que Mora no Mar", com melodia de Menescal e letra de Theo. A canção, gravada com a participação de Didier Fernan no baixo e Edgar Araújo na bateria, foi apresentada ao público japonês durante a turnê asiática e integra agora o repertório do espetáculo carioca.

Para Menescal, a parceria representa mais do que uma colaboração pontual. "O Theo tem uma coisa muito similar ao que a gente fez mas traz a juventude de hoje para a bossa nova, um frescor, alegria e vibração da geração do século 21, com um modo de cantar muito dele que prioriza a letra, coisa rara hoje



Theo Bial foi convidado por Menescal para participar e mais uma de suas turnês no Japão. Agora a dupla faz sua estreia em palcos cariocas

em dia e um grande diferencial, na verdade parece que nasceu lá com a gente, ficou guardado, foi aprimorado e está se mostrando agora", afirma o guitarrista e compositor.

O espetáculo no Blue Note Rio percorre um repertório que equilibra tradição e renovação. Clássicos como "Obalelê", de João Gilberto, "Saudade da Bahia", de Dorival Caymmi, e "Samba de Verão", de Marcos e Paulo Sergio Valle, dividem espaço com composições do próprio Menescal e com a inédita parceria entre ele e Theo, que será apresentada em primeira mão ao público carioca. Um momento especial da noite será a interpretação de "A Volta", canção que Menescal considera sua preferida entre as mais de 500 que compôs ao longo da carreira.

Acompanhados pelo Massatrio — formação integrada por Renato Massa (bateria), Jefferson Lescowich (contrabaixo) e Marcos Nimrichter (teclados) —, Menescal e Theo constroem uma narrativa musical cheia de possibilidades.

Filho do jornalista Pedro Bial

“O Theo tem uma coisa muito similar ao que a gente fez mas traz a juventude de hoje para a bossa nova, um frescor, alegria e vibração da geração do século 21 (...) Na verdade parece que nasceu lá com a gente, ficou guardado, foi aprimorado e está se mostrando agora”

ROBERTO MENESCAL

e da atriz Giulia Gam, Theo Bial iniciou seus estudos de violão aos 10 anos incentivado pela mãe. Sua discografia inclui trabalhos como o EP "Pra Sonhar" (2021), o álbum "Vertigem" (2022) e "Theo Canta Chico" (2025), uma homenagem ao cantor de Chico Buarque. Apesar da idade, Theo transita entre o samba e a bossa com elegância e personalidade. É um dos artistas mais promissores de sua geração, e o aval recebido de Menescal prova isso.

"Dividir o palco com meu mestre da bossa e com esses músicos maravilhosos do Massatrio, renomados internacionalmente, é uma honra, sinto que cresci como músico e compositor desde a primeira tour

ele não apenas compôs clássicos imortais como "O Barquinho" (1961), "Você" e "Brisa do Mar", mas também atuou como produtor musical e mentor de gerações de artistas, deixando sua marca em discos fundamentais que definiram o som da bossa nova. Sua guitarra, caracterizada por uma leveza e precisão harmônica que se tornou marca registrada do gênero, ecoou em estúdios brasileiros e internacionais, influenciando a forma como a música brasileira seria ouvida e interpretada no mundo. Ao longo de mais de seis décadas de carreira, Menescal compôs mais de 500 canções, participou de inúmeras gravações históricas e manteve-se ativo na cena musical, sempre atento às transformações do gênero que ajudou a criar.

A apresentação no Blue Note Rio antecede outro compromisso importante da dupla: no dia 25 de janeiro, Menescal, Theo Bial e a cantora Cris Delanno - outro nome revelado pelo velho mestre - se apresentam no Festival Rio Bossa Nossa 2026, na Praia de Ipanema.

SERVIÇO

RONERTO MENESCAL E THEO BIAL - A NOSSA BOSSA

Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1910 – Copacabana) 3/1, às 20h e 22h30
Ingressos a partir de R\$ 70

A bossa de Ithamara Koorax para abrir 2026

Cantora apresenta repertório gravado com mestres do gênero no histórico Beco das Garrafas

AFFONSO NUNES

Oualquer pesquisa sobre o Beco das Garrafas, indicará o local, com um dos espaços mais emblemáticos da Bossa Nova, berço de artistas como Elis Regina, Tom Jobim, Baden Powell, Wilson Simonal e Jorge Ben, entre outros. De sexta domingo, às 21h, o palco do Bottle's Bar recebe a cantora Ithamara Koorax para uma apresentação especial do seu Bossa Project.

Nascida em Niterói, Ithamara construiu uma trajetória que a posicionou entre as vozes brasileiras de maior reconhecimento no circuito internacional do jazz. Formada em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a cantora acumula mais de 60 títulos em sua discografia, incluindo 25 álbuns autorais, além de participações em 10 trilhas sonoras de novelas da TV Globo.



Em 2000, recebeu indicação ao Grammy na categoria Melhor Cantora de Jazz pelo álbum "Serenade in Blue", disco que também concorreu nas categorias de Melhor Álbum Vocal de Jazz, Melhor Produção e Melhor Arranjo, sendo eleito pela revista "Down Beat" como um dos melhores álbuns de jazz da década. Entre 2008 e 2009, a mesma publicação a consagrou como a terceira melhor cantora de jazz do mundo, atrás apenas de Diana Krall e Cassandra Wilson.

Sua carreira cruzou fronteiras graças parcerias com nomes de peso do jazz mundial como o baxista Ron Carter, o pianista cubano Gonzalo Rubalcaba, os guitarristas John McLaughlin e Larry Coryell, além do lendário pianista Dave Brubeck e do saxofonista japonês Sadao Watanabe. Entre seus álbuns mais celebrados estão "Brazilian Butterfly" (2006), "All Around the World" (2018) e o recente "Spirit of Summer" (2025), gravado em parceria com o pianista Eumir

Deodato.

A cantora nos conta que o show no Bottle's Bar terá como eixo central o repertório que ela gravou ao lado de mestres da Bossa Nova, incluindo Antonio Carlos Jobim, Luiz Bonfá, João Donato, Milton Banana, Marcos Valle, Eumir Deodato e Dom Um Romão.

A apresentação terá ainda com participações especiais de Robertinho de Paula, Rogerio Dy Castro e Kleberson Caetano, formando um encontro que promete revisitar os

clássicos do gênero com a sofisticação vocal que caracteriza o trabalho da cantora. A escolha do repertório e do local reforça o vínculo da artista com a tradição da Bossa e do jazz.

SERVIÇO

ITHAMARA KOORAX - BOSSA PROJECT

Bottle's Bar – Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana)
2, 3 e 4/1, às 21h | R\$ 90

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Entre clássicos nordestinos e canções autorais

Ceceu Valença apresenta o show "Canta Nordeste" nesta sexta-feira (2), às 22h30, no Blue Note Rio. O repertório reúne clássicos de Luiz Gonzaga, Dominguinhos, Geraldo Azevedo, Jorge de Altinho e de seu pai, Alceu Valença, além de composições inéditas do artista. Ceceu é acompanhado por Wlad Pinto (contrabaixo), Fill Mota (guitarra), Renata Freire (vocal) e pelo percussionista Jurim Moreira.



Jazz e choro no Sobrado da Cidade

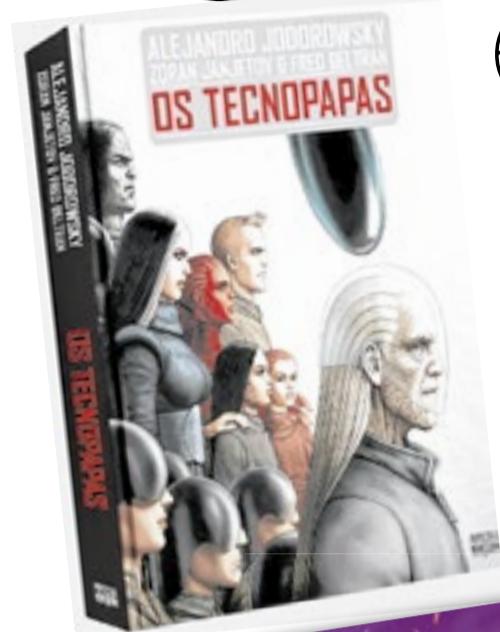
O projeto Jazz no Sobrado inicia 2026 com duas apresentações no Sobrado da Cidade, na Rua do Rosário. No sábado (3), das 13h30 às 16h30, Ciro Magnani, Marcelo Caldi, Adrian Barbet e Roberto Rutigliano apresentam repertório de jazz contemporâneo e música latino-americana. No domingo (4), a Roda de Chorinho celebra o gênero com obras de Pixinguinha, Jacob do Bandolim e Chiquinha Gonzaga.



Quadrinhofilia

em âmbito global

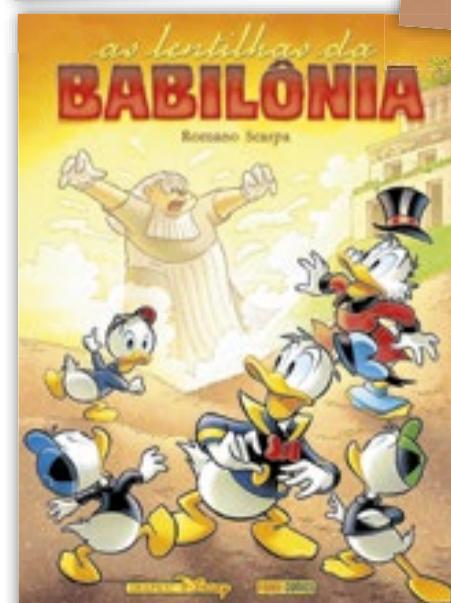
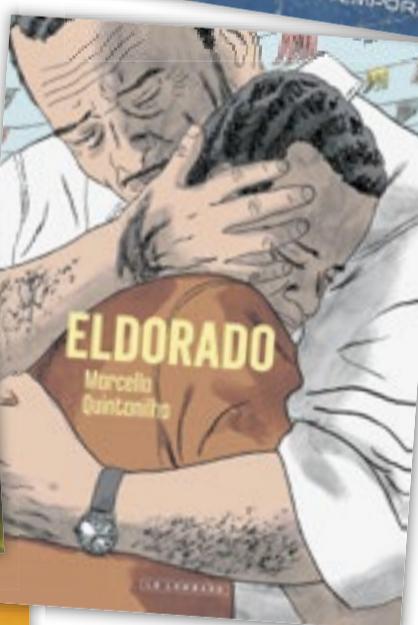
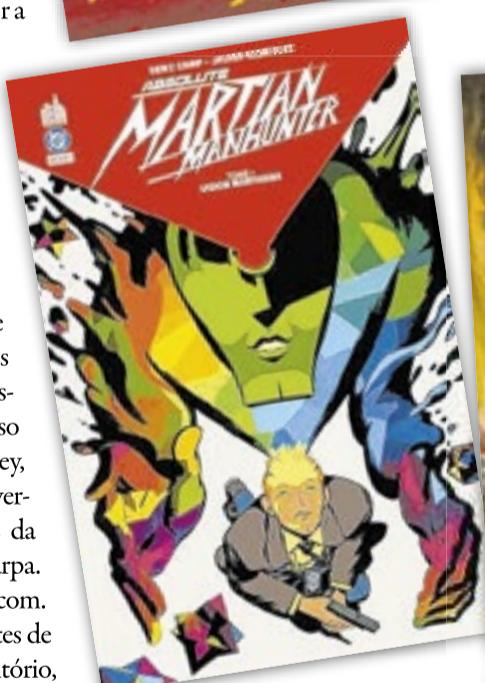
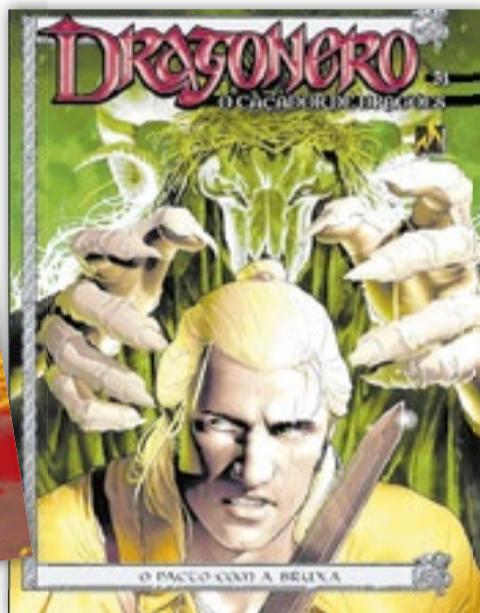
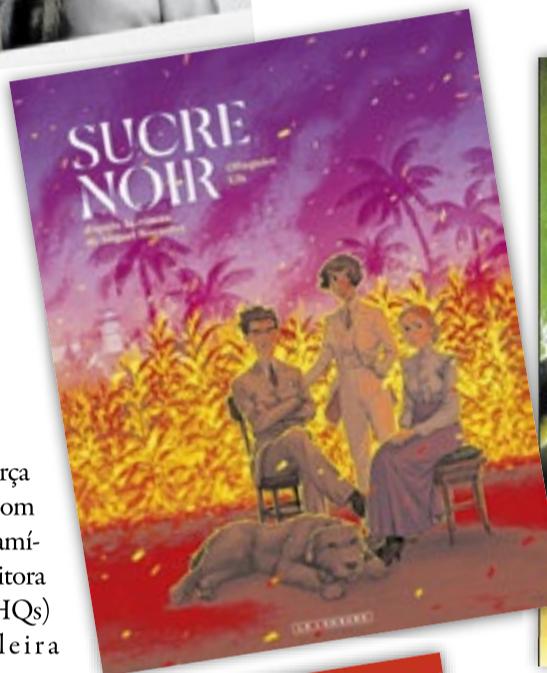
Editoras do planeta inteiro mobilizam grifes pop, inclusive o brasileiro Marcello Quintanilha, para abrir o primeiro semestre com boas vendas



RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Que a Força esteja com a família leitora (de HQs) brasileira neste 2026, pois logo na arrancada do ano, a Panini Comics abraça os poderes da Ordem Jedi e traz o álbum "Star Wars: Ahsoka" às nossas bancas. Bambas do roteiro e do traço, Georges Jeanty, Joe Caramagna, Rachelle Rosenberg e Rodney Barnes recheiam seu miolo. A mesma editora assegura ao nosso público um clássico da Disney, com o Tio Patinhos, em versão de luxo: "As Lentilhas da Babilônia", de Romano Scarpa. Em janeiro, o www.panini.com.br traz ainda alegria para tietes de super-heróis em nosso território, com a chegada da revista nº1 da saga "Absolute Caçador de Marte", que reinventa o marciano Ajax, no corpo do agente do FBI John Jones.

Esse agito da Panini por aqui está em sintonia com um empenho mundial de renovar a oferta de grifes pop, para aquecer as vendas. A Pipoca & Nanquim, que tem trazido alguns dos álbuns de maior sofisticação editorial de nosso mercado, colocou em pré-venda, para o alvorecer de 2026, o álbum sci-fi "Tecnopapas". Em seu time de multiartistas está o xamã e cineasta chileno radicado na França Alejandro Jodorowsky (realizador do cult "El Topo"). Essa mesma editora vai acariciar miocárdios que amam mangás com "O Almanaque das Estações", da quadrinista Kan Takahama. A



trama acompanha o crescimento de uma jovem cortesã em meio a um Japão que começava a se abrir para as influências ocidentais.

Em janeiro, a Mythos, oásis paulistano de quadrinhos autorais, promete um presente para a turma que é fã de terror: o calhamço "Cripta Omnibus". É um amarado muito bem desenhado de clássicos sobrenaturais. A loja Mundo Mythos, templo quadrinhófilo da Rua Augusta, em São Paulo, assegura para fevereiro "Dylan Dog Omnibus 5" e um novo "Dragonero", de número 32, ambos importados da indústria gráfica italiana.

"O Dragonero cresceu absurdamente na vendagem entre nós, cerca

de 200%, num momento crucial do personagem", destaca o livreiro Higor Lopes, que cuida da Mundo Mythos.

Na Europa, pátria das "bandas desenhadas" ou BDs (romances gráficos em álbuns de luxo), o niteroiense Marcello Quintanilha tem um lançamento a caminho das livrarias do Velho Mundo marcado para janeiro. "Eldorado" é a nova expressão das inquietações de traço neorrealista do roteirista e ilustrador laureado com o troféu Jabuti por "Hinário Nacional" e por "Escuta, Formosa Márcia" - título ganhador ainda do troféu Fauve d'Or no Festival de Angoulême, na França. O site da editora belga Lombard define da seguinte forma seu novo trabalho:

"Brasil, anos 50. Em Duque de

Caixas, Hélcio e sua família vivem modestamente, mas com dignidade, graças à mercaria que têm. Mas ele e seu irmão Luiz Alberto sonham com um destino melhor. Luiz Alberto passa o tempo com a turma do bairro. Da pequena delinquência ao crime, há apenas um passo que o rapaz não hesita em dar.

Hélcio, por sua vez, almeja a realização definitiva, o verdadeiro Eldorado: uma carreira de jogador de futebol profissional".

Inspirado livremente na vida de seu pai, Quintanilha se embrenha pelos balôezinhos do thriller.

"A história parte de acontecimentos reais, reinterpretados no campo da ficção, aliados a uma recriação do mito do filho pródigo no seio da classe trabalhadora, abrangendo 25 anos da vida brasileira, do início dos anos 1950, até meados dos anos 1970", conta o quadrinista ao Correio.

A mesma Lombard, no próximo dia 16, vai fazer barulho nas livrarias e lojas especializadas com "Sucré Noir", adaptação do romance de Miguel Bonnefoy feita pelos artistas gráficos Virginie Ollagnier e Ricard Efa. Seu enredo se passa numa pequena vila caribenha, onde a lenda de um tesouro desaparecido perturba a vida da família Otero. Ao redor dela, exploradores de relíquias se sucedem. Todos estão em busca do saque do capitão Henry Morgan e todos cruzam o caminho de Serena Otero, a herdeira da plantação de cana, que sonha com outros horizontes, bem como o de sua filha, Eva Fuego.

CRÍTICA LIVROS

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

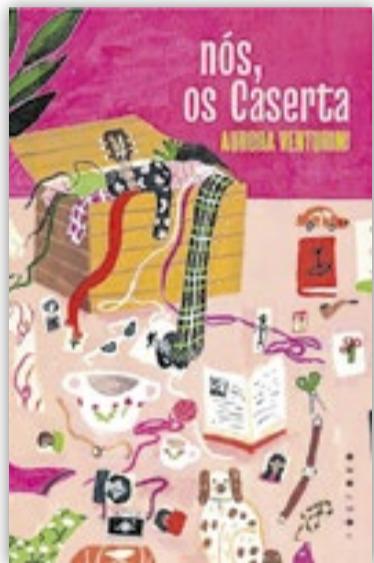
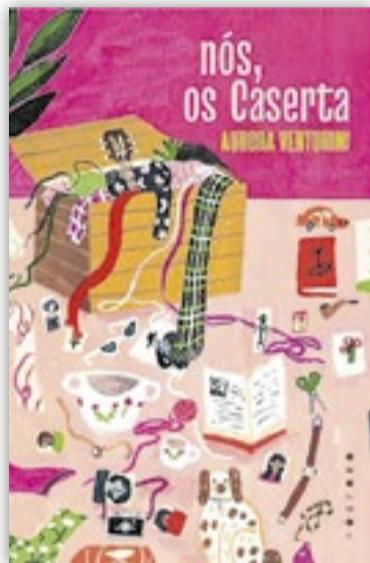
Sobrou para 2026

Se uma traça disser que devorou toda a quantidade de livros planejada para se banquetejar durante um ano inteiro, tenha certeza: é mentira. Traças, esses leitores compulsivos, que acumulam montanhas de tsundokus, aqueles livros folheados, empilhados para uma leitura em futuro incerto e não sabido, jamais se organizam a tanto. Começam a ler um, abrem outro que chegou, pegam um terceiro – e por aí vai. Escapam do abandono parcial os que hipnotizam o leitor. Em 2026, uma das minhas metas é não comprar livros antes de ler os 87 – eu contei – que se equilibram em bancos e mesinhas de cabeceira no meu quarto.

É claro que a meta já está para ser desprezada nos próximos dias: vai sair um Camilleri inédito, “A pirâmide de lama” (Record, R\$ 69,90), o vigésimo segundo caso do Comissário Montalbano, que chega às livrarias no fim de janeiro. Até lá, há um bocado de montanhas de volumes a ser desbastado...

No prefácio de “Nós, os Caserta” (Fósforo, R\$ 68,71), da argentina Aurora Venturini, sua patrícia e romancista Claudia Piñeiro conta ter chegado à escritora “como grande parte de seus leitores, de modo tardio e entusiasmada” pela indicação da leitura. Venturini ganhou fama aos 86 anos, em 2007, ao vencer, sob pseudônimo, um concurso literário com o contundente “As primas”. Era conhecida no meio por sua literatura, mas custou a obter popularidade. “Os Caserta”, lançado em 1992, voltou a chamar atenção depois do prêmio, e conta a trajetória de uma menina superdotada, sem empatia sequer por sua família da alta burguesia local.

“Santos de Casa” (Bazar do Tempo, R\$ 76), de Luiz Antônio Simas, é de 2022 – mas só agora abri essa delícia. Fala dos santos mais reverenciados no Brasil, as Senhoras de Aparecida, Nazaré, Fátima, São Jorge, São Francis-



co, São Sebastião e, claro, São Longuinho, aquele que encontra objetos perdidos e obriga o distraído a dar três pulinhos pela graça alcançada. O adorável texto de Simas traz as lendas sobre os milagres dos santos, as razões para a devoção e o sincretismo com entidades das religiões de matriz africana – base da cultura brasileira.

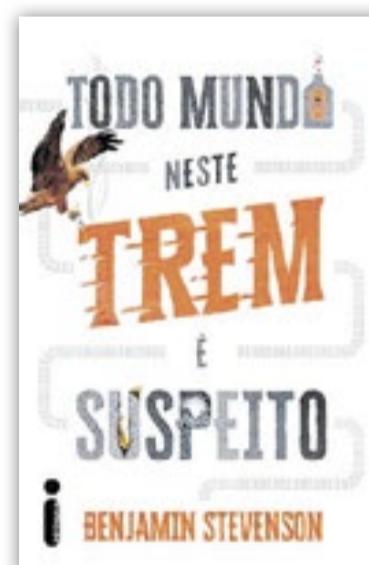
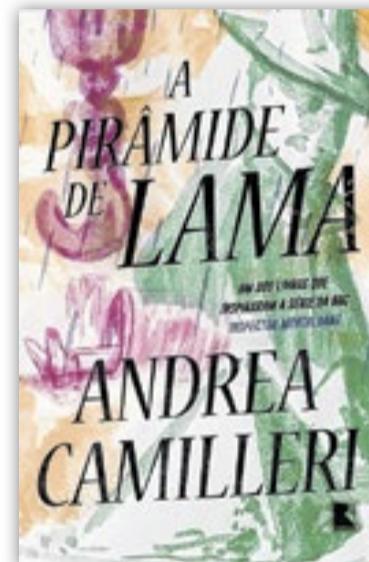
“Vera” (Todavia, R\$ 69,90), de José Falero, se debruça sobre o cotidiano de uma empregada doméstica da periferia de Porto Alegre, nos anos 1990. Uma rotina que, aparentemente, sofreu poucas alterações e que pode ser transposta para todos os grandes centros urbanos do Brasil. Diariamente, a protagonista precisa fazer uma longa caminhada até pegar o ônibus para trabalhar. Como outras mulheres da família e da vizinhança, ela sonha com uma vida melhor para o filho, enquanto esquecem seus próprios desejos, sustentam as casas praticamente sozinhas e convivem com homens agressivos e machistas.

Para desanuviar, o divertido “Todo mundo neste trem é suspeito” (Intrínseca, 76,90), do australiano Benjamin Stevenson, traz o protagonista de seu thriller anterior, Ernest Cunningham, que escreveu um true crime sobre a própria família, sofrendo pressão da editora para produzir outro best-seller. Ao participar de uma viagem com outros escri-



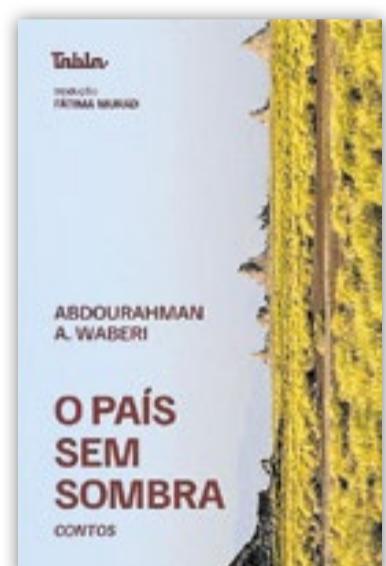
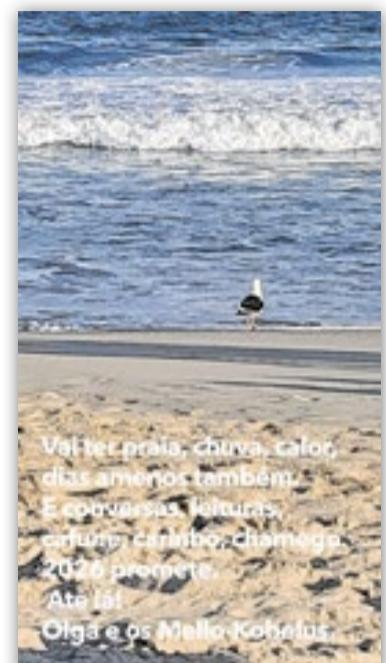
tores de suspense, de trem, pela Austrália, ele e os outros romancistas investigam o assassinato de um dos passageiros.

Verão exige leitura de muitos thrillers. “Aquela terrível confusão na Via Merulana” (Harper Collins, R\$ 69,90), único policial escrito pelo celebrado erudito Carlo Emilio Gadda, tornou-se um clássico do gênero na Itália. Publicado nos anos 1950, mas ambientado em 1930, no início do fascismo, essa sátira ao regime totalitário inovou por usar quatro dialetos – o vêneto, o de Roma, o napolitano e o abruzzese



– para caracterizar personagens diferentes, que também se destacavam pela expressão de termos da botânica, teologia, engenharia mecânica (profissão original do autor), medicina e astronomia. A série de crimes em um prédio da Via Merulana é pretexto para uma crítica afiada às convenções e censura incorporadas por uma nação multifacetada, formada por diferentes pequenas nações.

“Dança de enganos” (Companhia das Letras, R\$ 79,90) é o último livro da trilogia “O lugar mais sombrio”, de Milton Hatoum, que acompanha a trajetó-



ria sofrida do jovem Martin, nos anos 1960-70. Desta vez é a mãe do protagonista, Lina, que vai mostrar seus motivos para se distanciar do filho, no momento em que a opressão política é contestada por uma nova ordem social, rejeitando uniões formais e redimensionando os laços de família.

Um destino ainda raro em viagens turísticas, o Djibuti foi dominado pela França de meados do século XIX até 1977. Ponto de convergência entre África e Ásia no estreito que liga o Mar Vermelho ao Golfo de Áden, o país sofreu sucessivas intrusões de governos estrangeiros, cobrindo o território por sua localização estratégica, maior fonte de divisas econômicas. Nos 17 contos de “O país sem sombra” (Tabla, R\$ 67,90), Abdourahman A. Waber, escritor nascido no Djibuti, mas hoje vivendo entre França e Estados Unidos, apresenta aspectos diversos da realidade de seu país, em textos fragmentados sobre a identidade nacional, a intensa luta pela sobrevivência, além da relação entre história, política e rica cultura local.

Um 2026 de boas leituras, de preferência, enroscados numa rede, recebendo a brisa da tarde!

Bom ano novo!

vem viver + cultura

Iniciativas para aplaudir de pé e pedir bis.

Como o maior acelerador de cultura do estado, o Sesc RJ incentiva os artistas e o público por meio de uma programação variada: são shows, espetáculos de teatro, dança e circo, exposições, exibições de filmes, atividades literárias, cursos, oficinas e muito mais. O Sesc inspira cultura, e a cultura inspira você. **Vem viver o Sesc RJ.**



VEM SABER +

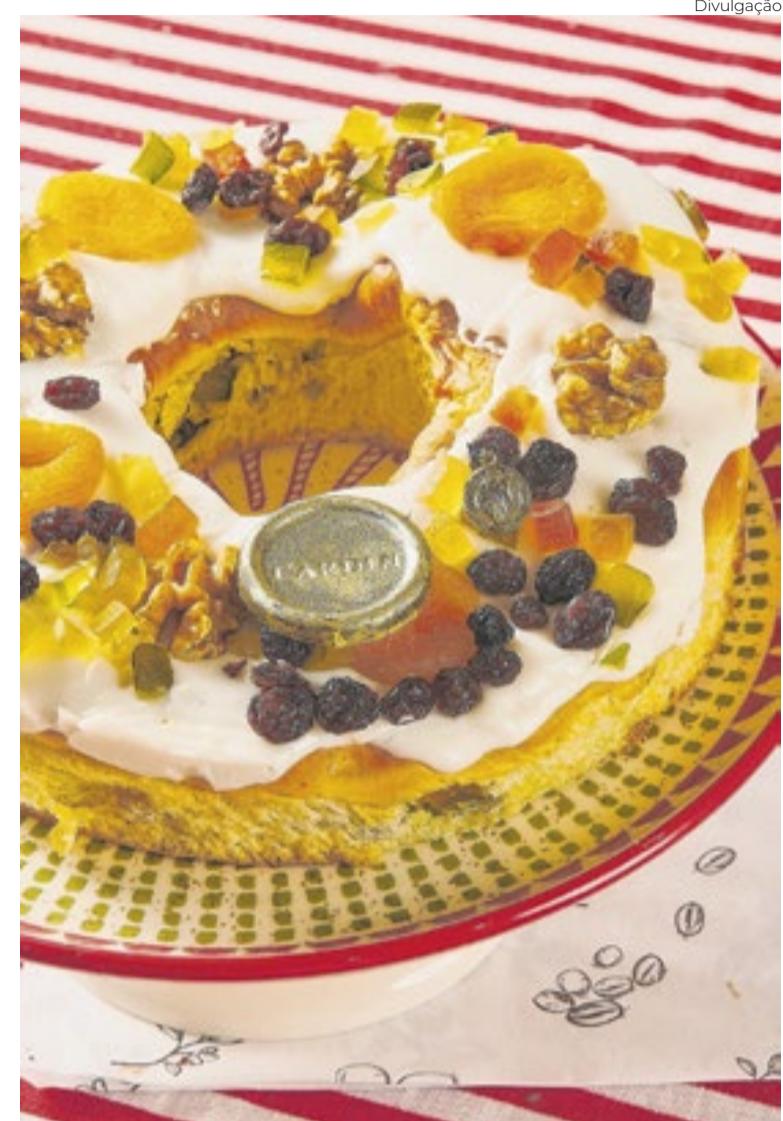
sescrio.org.br/culturaportalsescrio sescrio sescrjSescA maior marca
de bem-estar
social do RJ

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Talho Capixaba



Cardin

Uma fatia de sorte para começar o ano

Tradição que marca o Dia de Reis e adoça o começo do ano

EMPÓRIO JARDIM - Para comemorar o Dia de Reis a chef Paula Prandini preparou uma receita clássica francesa: a Galette de Reis (R\$ 230). Uma torta feita de massa folhada recheada com creme de amêndoas, uma tradição no Dia de Reis na França. Manda a tradição que ela deve ser cortada em fatias iguais ao número de pessoas na família: dentro da torta há um brinde em porcelana. Quem o encontrar em seu pedaço e o Rei ou Rainha e terá um ano de fartura, abençoado pelos Reis Magos. E também deve, no próximo ano, comprar e servir a Galette. Encomendas pelo link <https://l1nq.com/W0v44>

CARDIN - Para comemorar um dia tão especial, a casa lança dois produtos repletos de sabor para o Dia de Reis. O Bolo de Reis do Cardin (R\$ 80), recheado com frutas cristalizadas, uva passas e possui uma medalha de São Bento, que promete trazer sorte para quem encontrá-la e cobertura de fondant, uva passas, damasco, frutas cristalizadas e nozes e a Rosca de Reis (R\$ 80), preparada com uma massa macia e recheada com creme pâtissière e mix de frutas cristalizadas e finalizada com fondant, uva passas,

Bolo de Reis é uma tradição celebrada no dia 6 de janeiro, data que marca a visita dos Três Reis Magos ao menino Jesus. Muito comum em países da Europa e da América Latina, o bolo simboliza partilha, prosperidade e bons presságios para o novo ano. Tradicionalmente, ele leva frutas cristalizadas e uma surpresa escondida em seu interior e quem encontra o presente, a fava ou a moeda recebe a missão (ou a sorte) de organizar a próxima celebração. Ao longo do tempo, a receita ganhou variações deliciosas: recheios de creme, frutas frescas, castanhas e versões mais modernas, sem frutas cristalizadas, mas mantendo o espírito de união e renovação que tornam o Bolo de Reis tão especial. Confira abaixo as opções preparadas nas casas cariocas e celebre o Dia de Reis com sabor e tradição:



Empório Jardim

damasco, frutas cristalizadas, nozes e também contém uma medalha de São Bento. Rua Constante Ramos, 44 - Copacabana. Tel/delivery: (21) 96703-5262.

NOLITA ROASTERY -

No restaurante localizado na Barra é possível encontrar o Bolo de Reis (R\$ 78). Na casa ele é feito com massa de baunilha com especiarias, frutas cristalizadas, nozes e cobertura de fondant. Av. das Américas, 5000 - Barra da Tijuca. Tel: (21)



Tortamania



Rio Viennoiserie



Nolita Roastery

26) para consumo no local. A torta de massa folhada é recheada com creme de amêndoas e acompanha uma porcelana e coroa de reis, como manda a tradição. Rua Andrade Neves, 206 - Tijuca. Tel: (21) 98188-6203.

TALHO CAPIXABA - Nas três lojas da casa, nos bairros do Leblon, Gávea e Ipanema, é possível encomendar o tradicional Bolo de Reis (R\$ 90), feito com massa doce com frutas cristalizadas, seguindo a receita portuguesa; o Bolo Rainha (R\$ 90), de massa doce com frutas secas e uva passa e a Galette de Reis (R\$ 150), feito com massa folhada com recheio de amêndoas. Rua Barão da Torre, 354 - Ipanema. Tel: (21) 3037-8638.

99512-5044.

RIO VIENNOISERIE - A chef Luciana Affonso oferece a receita clássica francesa de Galette des Rois (R\$ 210 - 8 fatias) com opção para encomendas ou em fatias (R\$ 121, loja D. Tel: (21) 3273-0333.

Pé de Cerrado celebra 25 anos em turnê nacional

Grupo de Brasília une música, teatro, circo e dança

POR MAYARIANE CASTRO

O grupo brasiliense Pé de Cerrado inicia, em 2026, uma circulação nacional em comemoração aos seus 25 anos de atividade. O projeto conta com patrocínio da Petrobras, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura e do Ministério da Cultura, e prevê apresentações, ações formativas e encontros com mestres e grupos tradicionais em diferentes regiões do país. As primeiras atividades estão programadas para janeiro, com passagens pela Bahia e por Pernambuco.

A circulação inclui o espetáculo "Os Brincantes", que terá a participação dos palhaços Irmãos Saúde, além de oficinas, vivências e atividades de intercâmbio cultural. A proposta é ampliar o acesso a expressões da cultura popular brasileira e promover trocas entre o grupo e comunidades que mantêm tradições ligadas a práticas indígenas, afro-brasileiras e populares. Segundo os organizadores, a iniciativa também busca devolver ao Distrito Federal e aos territórios visitados os resultados de décadas de pesquisa artística desenvolvida pelo grupo.

Diálogo

Fundado em Brasília em 1999, o Pé de Cerrado construiu uma trajetória marcada pela integração entre música, teatro, circo, dança e brincadeiras populares. Ao longo dos anos, o grupo realizou pesquisas de campo em diferentes regiões do país, em diálogo com mestres e coletivos tradicionais. Essa experiência fundamenta a linguagem artística apresentada no espetáculo que integra a circulação nacional.

A estreia do projeto acontece na Chapada Diamantina, na Bahia. Na região, o grupo realiza uma aula-espetáculo voltada ao público infantil, em parceria com o espetáculo "Desencaixados", da Família Vagamundi. Em seguida, participa da Festa de São Sebastião, realizada na Vila do Vale do Capão, evento tradicional do calendário local. Após as atividades na Bahia, a circulação segue para Recife, em Pernambuco, onde o Pé de Cerrado divide o palco com o grupo Bongar, referência da cultura afro-indígena no estado.

Ainda em Pernambuco, o



Pé de Cerrado pretende se integrar à cultura dos lugares que visitará

grupo se apresenta na Aldeia Fulni-ô, localizada no município de Águas Belas. O território é reconhecido pela preservação da língua Yathê e pela manutenção de práticas culturais próprias. A atividade contará com a participação de artistas indígenas locais e será restrita à comunidade e a

pessoas autorizadas a acessar a aldeia, respeitando as normas e a autonomia do povo Fulni-ô.

Articulação

Após o primeiro trecho da circulação, o roteiro segue para outras localidades do país. Estão previstas paradas em Alter

do Chão e na Ilha do Marajó, no Pará; Taquaruçu, no Tocantins; Itapipoca, no Ceará; Chapada dos Veadeiros, Pirenópolis e Goiânia, em Goiás. Em cada cidade, o projeto prevê articulações com iniciativas culturais locais, encontros intergeracionais e ações com grupos convidados.

Fim da festa será **no berço**, em Brasília

Na Mostra de Cultura Candanga, resultado dos intercâmbios será apresentado

O encerramento da circulação acontece no Distrito Federal, com a realização da V Mostra Cultura Candanga.

O evento reúne grupos parceiros de diferentes regiões do país e já integra o calendário cultural local.

Nesta edição, a mostra incorpora os resultados dos intercâmbios realizados ao longo da turnê, reunindo experiências acumuladas durante o percurso nacional.

25 anos

Ao longo de seus 25 anos de atuação, o Pé de Cerrado lançou três álbuns e participou de projetos musicais e culturais no Brasil e no exterior.

O primeiro disco contou com a participação do músico Do-

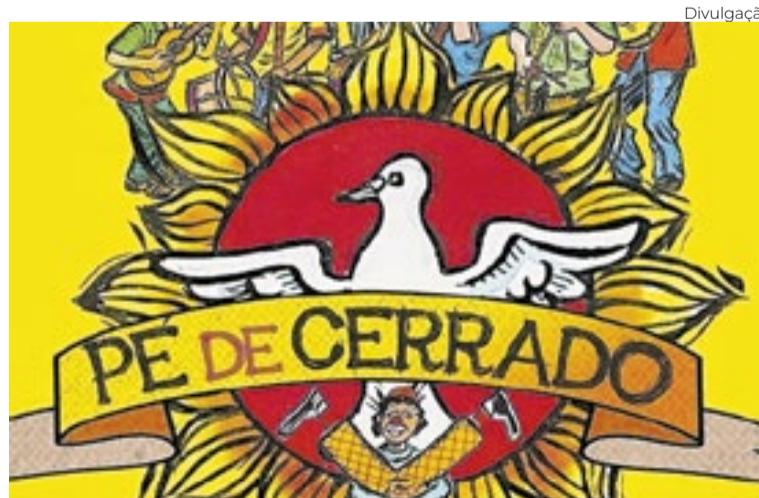
minguinhas.

O grupo também integrou o projeto "Nós por Eles", do Quinteto Violado, com releitura da música "Mundão".

Um novo álbum, o quarto da carreira, tem lançamento previsto para fevereiro de 2026.

O grupo já participou de iniciativas como o projeto Brasil Júnior, que realizou apresentações em países da Europa, além de eventos institucionais e programas de televisão.

A formação atual inclui os músicos Pablo Ravi, Bruno Ribeiro, Bruno Berê, Davi Abreu, Fernando Rodrigues, Guilherme Queiroz e Pedro Tupã, com produção cultural de Carla Landim e direção de palco de Luciano Dantas.



Música, teatro, circo. Tudo se mistura na arte do Pé de Cerrado

A circulação comemorativa "Pé de Cerrado 25 anos" integra o conjunto de projetos patrocinados pela Petrobras na área cultural.

O apoio ocorre por meio da

Lei Federal de Incentivo à Cultura, em parceria com o Ministério da Cultura, e viabiliza a realização das atividades em diferentes estados, fortalecendo ações de difusão cultural e intercâmbio

artístico em diversas regiões do país.

Cultura brasileira

Com a turnê, o Pé de Cerrado pretende levar a diversas regiões do país seus conceitos de cultura brasileira.

Que muito podem ser resumidos nos versos da canção Cultura Candanga: "Eu vi nascendo por detrás da folha seca/Eu vi saindo por detrás do galho vermelho/Eu vi nascendo uma cultura brasileira/No coração de um povo tão guerreiro/Eu vi o boi de seu mestre Teodoro/Cacuriá de sua filha tal herdeira/Tambor bater para dançar todas as crioulas/Ouvindo o canto das congadas verdadeiras".

Que vários outros 25 anos agitam a vida do Pé de Cerrado!

SEXTOU! UM DF DE

MÚSICA

*No domingo (04/01), o palco do Infinu recebe o Clash City Rockers: Tributo ao The Clash, com Philippe Seabra. Criado em 1989 como projeto paralelo da Plebe Rude, o Clash City Rockers nasceu com a proposta de homenagear a banda punk inglesa The Clash, referência direta para grande parte dos grupos do BRock. Ao longo de sua trajetória, o projeto contou com participações especiais de músicos ligados a nomes emblemáticos do rock brasileiro dos anos 1980, como Titãs, Ira!, Biquini, Legião Urbana, Kid Abelha, Paralamas do Sucesso, Inocentes, Ultraje a Rigor, Capital Inicial e Barão Vermelho. Atualmente, a banda é formada por Philippe Seabra (Plebe Rude), nos vocais e guitarra; Marcelo Capucci (Plebe Rude), na bateria; Fred Ribeiro (ex-Restless e P.U.S), no baixo e voz; Rafael Farret (ex-Bois de Gerião), nos teclados e voz; e Carlos Pinduca (ex-Maskavo Roots e Prot(o)), na guitarra.

CINEMA

*O Cine Brasília organizou uma agenda especial para os últimos dias do ano, com a mostra Sucessos de Bilheteria 2025. No total, foram escolhidos 10 filmes que registraram maior público, com sessões desta sexta (26) até 28 de janeiro. Entre os títulos está O agente secreto, dirigido por Kleber Mendonça Filho, incluído na lista de pré-selecionados ao Oscar 2026. Os ingressos custam R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia).

*O Zoológico de Brasília dá início a uma das atrações mais esperadas do verão: as Férias Animadas 2025/2026, circuito de atividades gratuitas realizado dentro do parque. A iniciativa transforma o espaço em um amplo ambiente temático voltado ao período de recesso. Entre as atrações estão a exposição imersiva Guardiões da Natureza – Aventura no Zoo, sessões de cinema ao ar livre, apresentações teatrais, brincadeiras e atividades monitoradas. Outro destaque é o Cine Retrô, com duas exibições diárias ao ar livre, em dias e horários alternados. A programação inclui filmes como A Pequena Sereia (1989), Cinderela (1950), O Rei Leão (1994), Mulan (1998), Procurando Nemo (2003), além de títulos como Os Incríveis (2004), Wall-E (2008), Elementos (2023), O Robô Selvagem (2024), Gato de Botas 2 (2022) e Sonic 3 (2024).



Cine Brasília traz programação especial



Casa de Chá ainda possui cardápio especial de fim de ano

TEATRO

*Em turnê nacional por sete capitais, o espetáculo musical "A Sbørnia Kontr'Atracka" encerra o Circuito Petrobras com duas apresentações em 10 de janeiro de 2026, às 17h e às 20h, no Teatro da CAIXA Cultural Brasília. A partir das histórias dos excêntricos moradores da fictícia ilha de Sbørnia, território anárquico e flutuante, isolado do continente após explosões nucleares malsucedidas, a montagem aborda, com humor e ironia, temas universais como identidade, cultura e a relação entre tradição e modernidade.

GASTRONOMIA

*Situada na Praça dos Três Poderes, a Casa de Chá preparou um cardápio especial de fim de ano, disponível até domingo (04). O espaço abriu nos dias 26, 27 e 28 de dezembro e também abre em 2, 3 e 4 de janeiro, retornando à rotina normal em 7 de janeiro. O local funciona como café-escola e Centro de Atendimento ao Turista (CAT), resultado de uma parceria técnica entre o GDF, via Setur, e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac).



Espetáculo musical "A Sbørnia Kontr'Atracka" chega em Brasília

EXPOSIÇÃO

*O Nossa Natal 2025 segue iluminando a Esplanada dos Ministérios até 4 de janeiro (exceto 24 e 31), sempre das 17h às 23h. O festival conta com investimento de R\$ 15 milhões da Secec, apoio da Chefia-Executiva de Políticas Sociais e execução do Instituto Missão Hoje. A programação é atualizada diariamente no Instagram do evento. O público pode aproveitar a pista de gelo, com sessões a cada 30 minutos e idade mínima de 5 anos, e a roda-gigante de 22 metros, com 16 gôndolas

e cabine adaptada. As crianças ainda têm o carrossel, para até 36 pessoas, e o trenzinho, que circula durante todo o evento. No teatro infantil, os espetáculos ocorrem às 18h, com sessões lúdicas às 17h30, 18h30 e 19h30; as oficinas acontecem às 17h30, 18h35, 19h40 e 20h45. Os ingressos são vendidos no local.

*Na Caixa Cultural de Brasília, a exposição "Nossos Brasis" apresenta diferentes visões e interpretações do Brasil por 50 artistas, revisitando 100 anos de arte brasileira, do modernismo dos anos 1920 a nomes

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES E MAYARIANE CASTRO - CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



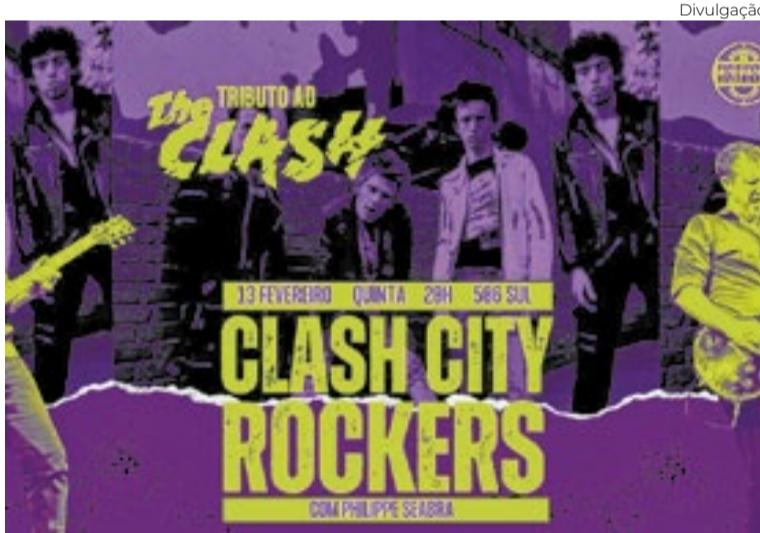
Oficina de tapeçaria agita o fim de semana



Exposição traz debate sobre valorização da cultura indígena



Colônia de férias do Zoológico de Brasília traz novidades



Show de tributo ao grupo The Clash conta com Philippe Seabra

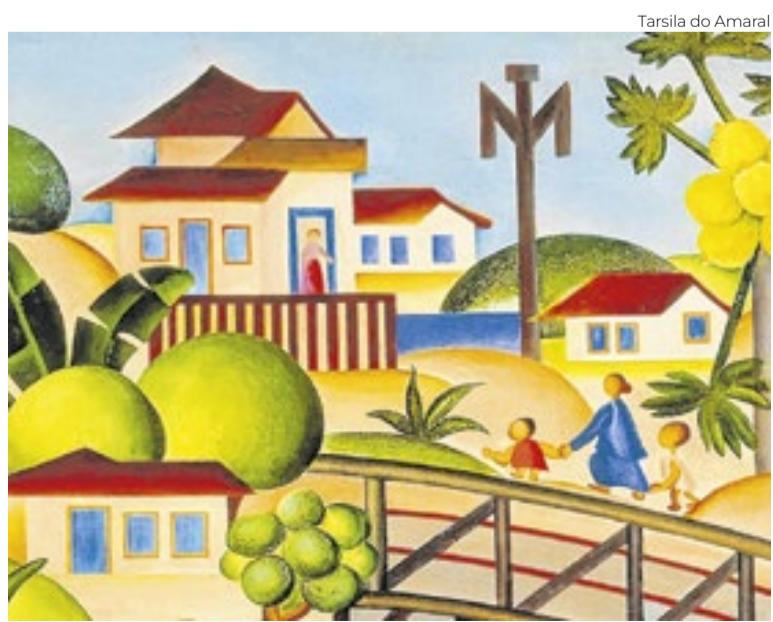
emergentes da década de 2020, criando diálogos que expressam múltiplas ideias de brasiliidade. A mostra está organizada em três núcleos: Vozes dos Trópicos, Vozes da Rua e Vozes do Silêncio. Ao longo do tempo, revela-se o imaginário que projetou o país como paraíso exótico e exuberante, como território popular e criativo, e como espaço em que memória, espiritualidade e dor se transformam em arte. Entre os nomes presentes estão Tarsila do Amaral, Portinari, Di Cavalcanti, Lygia Pape, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Rosana Paulino, Adriana Varejão e Beatriz Milhazes, cujas obras formam um mosaico de linguagens e perspectivas distintas sobre o Brasil.

*Com curadoria de Ziel Karapotó e Nara Galvão, a exposição "Todos Falam de Mim, Ninguém Me Representa – Um olhar indígena sobre a obra de Rugendas" ainda está em exposição na Caixa Cultural. Ela apresenta

um olhar indígena sobre a obra de Rugendas, refletindo sobre a perspectiva histórica ensinada sobre o Brasil. Realização do Instituto Ricardo Brennand. A mostra estabelece um diálogo inédito entre o artista alemão Johann Moritz Rugendas e a produção contemporânea de Karapotó, questionando narrativas históricas sobre os povos originários. Enquanto Rugendas retratava indígenas e pessoas escravizadas sob ótica eurocêntrica, Karapotó propõe releitura crítica, poética e decolonial dessas imagens. A exposição valoriza a diversidade étnica e cultural do país, sugerindo novas paisagens, diálogos e reflexões sobre a representação indígena na história da arte e na formação da imagem nacional.

INFANTIL

*A contação de histórias Sarewa – Uma viagem com a Expedição Langsdorff apresenta ao público os caminhos, encon-



"O Mamoeiro" (1925), de Tarsila do Amaral, está na exposição

tos e descobertas da expedição científica que percorreu o Brasil no século XIX. O evento acontece neste domingo (04/01) na Caixa Cultural de Brasília, e não é necessário se inscrever para participar. Inspirada no livro, a atividade reconstrói ambientes, personagens e paisagens que revelam a riqueza cultural e ambiental do país. Os participantes vivenciam uma experiência imersiva, guiada por sons, objetos e diálogos que evocam os registros da expedição. A apresentação destaca a diversidade brasileira, valoriza as culturas indígenas e desperta reflexão sobre formas de documentar e compreender o país.

OFICINA

*A oficina de tapeçaria orgânica na Caixa Cultural de Brasília, em 3 de janeiro, convida o público a uma imersão na arte têxtil inspirada na natureza e na obra de Norberto Nicola, referência em tapeçaria contemporânea e presente na exposição Nossos Brasis – Entre o Sonho e a Realidade. Os participantes aprenderão técnicas básicas com talagarça, fios de lã e outros materiais, criando composições que exploram cor, textura e movimento. Mais que prática manual, a oficina estimula percepção artística e diálogo entre arte e natureza, permitindo que cada participante desenvolva sua própria tapeçaria a partir de formas orgânicas. Uma oportunidade de unir o fazer artesanal à sensibilidade contemporânea.

Prainha reuniu samba e rituais afro na virada de ano

Celebra DF 2026 promoveu programação religiosa e musical na Praça dos Orixás

POR MAYARIANE CASTRO

A Praça dos Orixás, conhecida como Prainha, foi palco das comemorações do Réveillon no Distrito Federal com uma programação que reuniu manifestações afro-brasileiras e apresentações musicais. As atividades integraram o Celebra DF 2026 e aconteceram entre os dias 30 de dezembro e a madrugada de 1º de janeiro, às margens do Lago Paranoá. A virada do ano contou ainda com uma queima de fogos de oito minutos na ponte Honestino Guimarães.

No dia 31 de dezembro, a principal atração foi a tradicional Festa de Iemanjá, que inclui rituais

religiosos, cortejo simbólico e a entrega de balaios e flores em homenagem à divindade. As atividades religiosas tiveram início às 21h e seguiram integradas à programação musical prevista para o palco montado no local. A proposta do evento foi manter a tradição das celebrações de matriz africana realizadas anualmente na Prainha durante o período de Ano-Novo.

A programação musical da noite do dia 31 começou às 18h, com apresentação do grupo Sambrasília, seguida pelo cantor Uel, às 19h30. Após a realização dos rituais religiosos, a agenda continuou já na madrugada do dia 1º de janeiro, com o grupo Makumbá, acompanhado por Kika



Ponto de encontro das religiões de matriz africana, a Prainha foi palco da festa

Ribeiro, às 0h30. Em seguida, subiram ao palco o bloco afro Asé Dudu, às 2h, e o Grupo Cultural Obará, às 3h, encerrando as atividades.

Entardecer dos Ojás

As comemorações tiveram início na terça-feira, 30 de dezembro, com o Entardecer dos Ojás, marcado para as 17h. O ritual abriu oficialmente o Réveillon da Prainha e consistiu na utilização de ojás, tecidos associados a práticas religiosas afro-brasileiras, em uma cerimônia de marcação simbólica do espaço. De acordo com a organização do

evento, o ato integrou o calendário cultural do Distrito Federal e antecedeu as apresentações musicais da noite.

Após o Entardecer dos Ojás, a programação do dia 30 seguiu com shows de samba e música popular. Às 19h, o Samba de Roda Pé de Porteira se apresentou no local. Em seguida, às 20h30, foi a vez do grupo Nossa Galera. O encerramento da noite ficou por conta da cantora Dhi Ribeiro, que subiu ao palco às 22h. As apresentações antecederam as atividades do dia seguinte, que concentram as celebrações da virada do ano.

Festa de Iemanjá

A Festa de Iemanjá realizada na Prainha é reconhecida por reunir praticantes de religiões de matriz africana, moradores do Distrito Federal e visitantes. Durante o cortejo, participantes levam balaios e flores até a margem do lago, onde são feitos pedidos relacionados ao novo ciclo que se inicia. As ações seguem protocolos tradicionais dessas manifestações religiosas, respeitando práticas consolidadas ao longo dos anos.

A estrutura do evento inclui palco, sistema de som e iluminação.

Símbolo de resistência e pertencimento

Espaço ocupado pelos religiosos de matriz africana tornou-se ponto importante

A queima de fogos ocorreu à meia-noite do dia 31 de dezembro, com duração de oito minutos, visível a partir da ponte Honestino Guimarães e da área da Prainha.

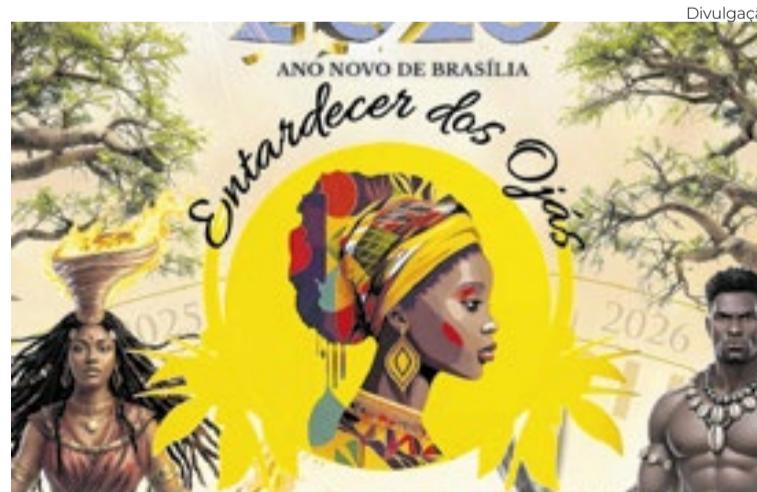
A programação completa foi divulgada pelos organizadores com horários definidos para cada atração, distribuídos entre os dois dias de evento. O Réveillon da Prainha integra o calendário oficial de celebrações de fim de ano do Distrito Federal e ocorre em um espaço público tradicionalmente associado a manifestações culturais e religiosas afro-brasileiras.

Espaço simbólico

Às margens do Lago Paranoá, em um trecho discreto do

Setor de Clubes Norte, a Prainha dos Orixás se consolidou como um dos espaços simbólicos mais importantes de Brasília. Mais do que um ponto de encontro à beira d'água, o local representa resistência cultural, liberdade religiosa e a diversidade que marca a capital federal.

Criada a partir da ocupação espontânea de praticantes das religiões de matriz africana, a Prainha tornou-se referência para rituais, oferendas e celebrações dedicadas aos orixás, entidades centrais do candomblé e da umbanda. Em uma cidade planejada sob forte influência modernista e institucional, o espaço rompe a lógica rígida do concreto e reafirma a presença de tradições ancestrais que ajudam a contar a



Entardecer dos Ojás marcou início da celebração

história real do Brasil.

A importância da Prainha dos Orixás vai além do aspecto religioso. O local se transformou em um território de acolhimento, onde diferentes crenças co-

xistem e dialogam. Ao longo dos anos, passou a receber visitantes, pesquisadores, lideranças religiosas e curiosos interessados em compreender melhor as culturas afro-brasileiras. Esse fluxo contribui para o combate à intolerância religiosa, ainda presente no cotidiano do país.

Brasília, frequentemente vista apenas como centro do poder político, encontra na Prainha um contraponto essencial. O espaço reforça a identidade plural da capital, formada por migrantes de todas as regiões e por tradições que muitas vezes ficaram à margem do reconhecimento oficial. A luta pela preservação da Prainha também evidencia a necessidade de políticas públicas voltadas à proteção de espaços sagrados e culturais.

Em tempos de debates sobre diversidade, democracia e direitos, a Prainha dos Orixás se afirma como um símbolo vivo de resistência e pertencimento.

#cm
2

FIM DE SEMANA



Palco dos orixás, Prainha teve Réveillon com raízes afro

PÁGINA 17



Os gaúchos da Sbórnia se apresentam em Brasília

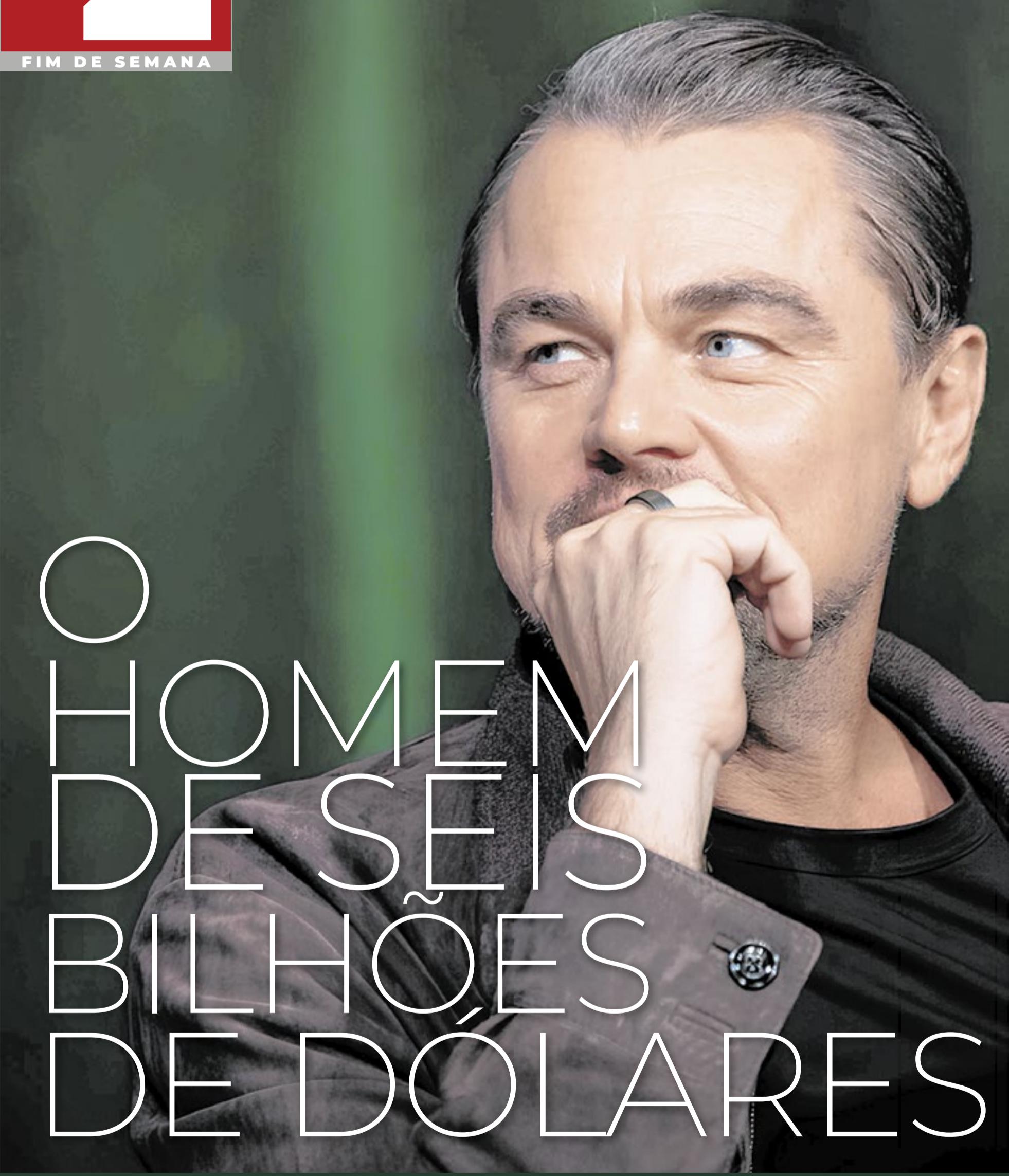
PÁGINAS 18 E 19



Aos 25 anos, Pé de Cerrado percorrerá o Brasil em 2026

PÁGINA 20

Jay L. Clendenin/Shutterstock for Warner Bros.



O HOMEM DE SEIS BILHÕES DE DÓLARES

Indicado ao **Globo de Ouro** e cotado para o **Oscar** com o thriller 'Uma Batalha Após A Outra', **Leonardo DiCaprio** destrona concorrentes somando **15 blockbusters** no currículo nos **últimos 25 anos**. Página 2